

M EMÓRIA DA
DO
UNDO

BIBLIOTECA CENTRAL
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

MEMÓRIA DA
MUNDO DO

BIBLIOTECA CENTRAL
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
VOLUME 1
PORTO 1996

Ficha Técnica

Impressão: Oficina Gráfica da FLUP

Capa e arranjo gráfico: 

Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 972-9350-22-1

Depósito Legal: 101226/96

Catálogo na Fonte

Da memória do mundo/ Biblioteca Central da FLUP.-

Porto: Faculdade de Letras, 1996.- XVIII, 143 p.; 21 cm

CDU: 02

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	IX
<i>A laia de explicação</i>	XIII
<i>Introdução</i>	XVII
<i>Intertextualidades</i>	
Ana Luísa Amaral	3
<i>A páginas tantas</i>	
António Ferreira de Brito	5
<i>Dra. Celeste Paradela (1928-1987), primeira bibliotecária da FL/UP na actual fase da Escola (1961ss.)</i>	
Armando Luís de Carvalho Homem	9
<i>Os livros chatos</i>	
Arnaldo Saraiva	13
<i>Creativity, Information technology and the Library</i>	
Belinda Maia	17
<i>Que é feito daquele livro?</i>	
Carlos Pimenta	21
<i>Sobre o valor insubstituível do livro</i>	
Eduardo Abranches de Soveral	25
<i>Desafio</i>	
Eduardo Jorge Ribeiro	27
<i>Biblioteca: novos termos para um velho conceito</i>	
Fernanda Ribeiro	29
<i>Na pré-história das Bibliotecas</i>	
Geraldo J.A. Coelho Dias	33
<i>O livro, o leitor e a leitura</i>	
Humberto Baquero Moreno	37
<i>Do Falar em Silêncio</i>	
Isabel Pereira Leite	39
<i>Homenagem a I. : Bibliotecária</i>	
João Leite	43

<i>Obra colectiva em construção</i>	
João Marques.....	45
<i>...e coisa mais preciosa no mundo não há</i>	
João Veloso.....	49
<i>Libraries, books and mediaeval literature</i>	
John Greenfield.....	53
<i>Evocação da Biblioteca</i>	
Jorge Alves Osório.....	59
<i>Bibliotecas...</i>	
José Augusto de Sottomayor Pizarro.....	61
<i>Bibliocronos</i>	
José Luís Araújo Lima.....	67
<i>Livrarias de mão</i>	
José Marques.....	73
<i>"Incomensurável Afecto" - Sobre livros, livros e mais livros</i>	
Levi António Duarte Malho.....	83
<i>A Biblioteca e a construção do presente-futuro</i>	
Lourenço Heitor Chaves de Almeida.....	89
<i>A Biblioteca - Um espaço de estudo, meditação e diálogo</i>	
Luís António de Oliveira Ramos.....	93
<i>Apologia da Biblioteca</i>	
Luís de Araújo.....	95
<i>O nome na lombada</i>	
Luís Miguel Duarte.....	99
<i>O computador e o livro, o volátil e o sólido</i>	
Luís Paulo Saldanha Martins.....	103
<i>Maiores de 16</i>	
Manuel Alçada.....	107
<i>A biblioteca que apoia a investigação e o estudo</i>	
Manuel Gomes da Torre.....	109

<i>“the wine of life”: considerações sobre “In my Library” de E. M. Forster</i>	
Maria Cândida Zamith	111
<i>Da “capsa” à “biblioteca”: a localização dos livros na biblioteca medieval</i>	
Maria Cristina Almeida e Cunha	115
<i>Bibliotecas, bibliotecários e “bibliotequices”</i>	
Maria Elisa Cerveira	121
<i>Do respeito pelos livros</i>	
Maria de Fátima de Sousa Basto Vieira	125
<i>À Espera do tempo</i>	
Maria Teresa Lobo Castilho	129
<i>Do «rato de biblioteca» ao “rato” das «estradas da informação»</i>	
Mário Vilela	131
<i>Evocação</i>	
Pedro Vilas-Boas Tavares	135
<i>A Biblioteca como tópos</i>	
Rui F. Manhente F. Cardoso	137

APRESENTAÇÃO

*•E como a visão do belo comporta a paz,
e para o nosso apetite é a mesma coisa aquietar-se
na paz,
no bem ou no belo,
senti-me invadido de grande consolação e pensei
como seria agradável trabalhar naquele lugar.*

Adso, em "O nome da rosa" de Umberto Eco

Vai a Faculdade de Letras proceder à inauguração oficial da sua Biblioteca Central, acompanhada do lançamento do primeiro volume de uma colectânea de textos dos seus docentes em torno de uma temática definida no âmbito do livro, da leitura e da biblioteca.

Biblioteca Central que se encontra localizada na parte mais nobre dos novos edifícios da Faculdade e que sempre associei, por razões que não consigo precisar, à biblioteca da abadia beneditina que Umberto Eco immortalizou no seu romance. Torre que se eleva em sucessivos pisos, em torno de um espaço que permite avaliar a sua grandeza, com uma magnífica panorâmica do Douro e dos tradicionais jardins do Campo Alegre.

E se não posso afirmar com segurança que é bela, e outros lhe conferirão esse atributo em graus muito variados, enquanto alguns procuram em negros escritos e carregadas palavras denegrir a sua majestade, posso, pelo contrário, testemunhar, tal como Adso, que quando entrei na biblioteca da Faculdade de Letras senti-me invadido de grande consolação e pensei como seria agradável trabalhar naquele lugar.

A biblioteca da Faculdade de Letras é, pelo seu espólio, a mais valiosa da Universidade, mas os monges modernos já não dependem apenas da memória do

bibliotecário para ter acesso aos livros, nem o abade decide da piedade das suas requisições. Ao contrário da biblioteca da abadia que se *defendia por si, insondável como a verdade que acolhe, enganosa como a mentira que encerra*, esta biblioteca aparece dotada dos mais actuais meios informáticos que permitem a qualquer um penetrar em toda a parte, seguro de que os mistérios das novas tecnologias permitirão sempre entrar e sair (embora por vezes com reduzida elegância), ao contrário do labirinto terreno da velha abadia de Eco, espelho do medieval labirinto espiritual.

A todos os que contribuíram para esta realização, que engrandecerá certamente o prestígio da Universidade do Porto, deixo aqui os meus agradecimentos e os votos de continuação do excelente trabalho produzido nos últimos anos e associo-me ao justificado orgulho que todos os membros da Faculdade de Letras devem sentir nesta comemoração.

Alberto Amaral





À LAIA DE
EXPLICAÇÃO

A memória do mundo não está só nos livros. Mas é nos livros que mais perfeitamente se encontra definida.

Preservada através da escrita, ao longo dos séculos, foi-se alicerçando, enraizando, marcando, pautando as nossas vidas.

Esse vício único, essa fonte de prazer inesgotável, esse sentimento pleno de satisfação que é a leitura é indissociável da condição humana.

É dessa memória que trata este livro; e quem melhor para deles falar do que aqueles que vivem entre livros, lhes conhecem o corpo e a alma, a história, se deixam "apanhar" por eles ou lhes seguem o rasto, que entre deslumbramentos e desapontamentos lhes concedem o primado na sua qualidade de investigadores?

É, pois, desse estranho poder de sedução, desse fascínio irrefutável que os livros exercem que aqui se dá testemunho. Foi desta ideia que nasceu o projecto cujo 1º volume ora apresentamos.

O Corpo Docente da Faculdade de Letras do Porto concretiza tudo isto ao longo destas páginas, nas quais se adivinham muitas outras, porque é nosso desejo prosseguir com a publicação de novos volumes.

Uma palavra de agradecimento ao Conselho Directivo da FLUP por ter apoiado esta iniciativa e, naturalmente, a quem, aceitando colaborar nesta colectânea, ao sabor da escrita, nos fala das suas leituras, dos seus livros, das suas bibliotecas e, de algum modo, do passado, do presente e do futuro.

A terminar, e porque a memória do mundo é, também, a memória das pessoas, aqui fica, perpetuado, o nome de quem tão viva, na memória desta Casa, continua - a Dra. Celeste Paradela, Bibliotecária da Faculdade de Letras.

João Leite
Isabel Pereira Leite
Isabel Ortigão de Oliveira

INTRODUÇÃO

A inauguração das novas instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto é um bom motivo para reflectirmos sobre a Biblioteca que temos, assim como sobre os novos desafios que se lhe colocam com as novas tecnologias da informação.

As actuais instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto respondem a um velho anseio dos seus diversos utentes e, não obstante algumas limitações, representam, sem qualquer margem para dúvidas, uma nova fase desta Faculdade, com melhores condições físicas e a busca de equipamentos e instrumentos mais adaptados à docência e à investigação científica.

É indiscutível que o progresso científico quer dos alunos quer dos professores está intimamente relacionado com a informação bibliográfica de que se dispõe.

A Biblioteca desta Faculdade conta já com mais de duzentos mil volumes distribuídos pelo seu espaço central e pelos diversos Institutos.

Nestes duzentos mil volumes insere-se bibliografia recente, nacional e estrangeira, que procura satisfazer as necessidades de investigação dos docentes, assim como apoiar os quatro mil e quinhentos alunos de licenciatura e mestrado. É depositária ainda do Fundo da Primitiva Faculdade de Letras, da Biblioteca Ferreira de Almeida e de ofertas mais recentes como a Biblioteca de Pedro Veiga e as colecções dos Jornais 'O Século' e 'Comércio do Porto'.

As diferentes revistas que a Faculdade possui, para além de constituírem uma forma de divulgação dos trabalhos de investigação, têm permitido o enriquecimento do espólio da nossa Biblioteca através do sistema de permutas. De facto,

a Biblioteca e os Institutos recebem cerca de 500 títulos por este sistema. É, ainda, assinante de mais de 270 publicações periódicas de várias partes do mundo, de indiscutível nível científico.

A actual política de gestão da Biblioteca segue duas orientações fundamentais: adquirir as edições mais modernas para permitir, sem desfasamento temporal, acompanhar a evolução científica fundamental para uma maior qualidade de ensino; adaptar a organização da Biblioteca às novas tecnologias. Actualmente, já é possível fazer intercâmbio de livros entre várias bibliotecas, quer nacionais quer estrangeiras. Mas, no futuro, esse intercâmbio intensificar-se-á e assumirá novos contornos. Assim, no início do próximo ano, será já possível fazer consulta a catálogos existentes em cerca de 500 Bibliotecas Universitárias de todo o mundo, através não só da Internet bem como de um sistema informático próprio, neste momento em processo de Concurso Internacional.

Novos desafios continuamente se colocam e que importa vencer. Um dos próximos passos a ser dado poderá ser o de apoiar a edição das revistas da Faculdade e outras publicações em Cd-Rom que está já numa fase de avaliação das suas vantagens.

António de Sousa Pedrosa

Microscópica quase,
uma migalha entre as folhas de um livro
que ando a ler.

Emprestaram-me o livro,
mas a migalha não.
No mistério mais essencial,
ela surgiu-me recatadamente,
a meio de dois parágrafos solenes.
Embaraçou-me o pensamento,
quebrou-me o fio (já ténue) da leitura.
Sedutora, intrigante.

Fez-me pensar nos níveis que há de ler:
o assunto do livro
e a migalha-assunto do leitor.

(era pão a matéria consumida no meio
de dois parágrafos e os olhos
consumidos: virar a folha, duas linhas lidas
a intriga do tempo quando foi
e levantou-se a preparar o pão
voltando a outras linhas)

Fiquei com a migalha,
desconhecida oferta do leitor,
mas por jogo ou consumo
deixei-lhe uma migalha minha,
não marca de água, mas de pão também;
um tema posterior a decifrar mais tarde
em posterior leitura
alheia

Ana Luísa Amaral

Não sou um bibliófilo maníaco nem um bibliógrafo insaciável. *Est modus in rebus*. Mas que o livro tem no meu psiquismo um lugar de eleição, lá isso é verdade. A minha relação com ele é carnal e espiritual. A Biblioteca para mim é um espaço do sagrado. Compreendo e aprovo a excomunhão *ipso facto* lançada sobre quem roubasse livros da Universidade de Salamanca. Extensível a meu ver a todos os cleptómanos, sem excepção, desde que se trate de livros...

O livro é o ser vivo que maiores torturas padece. E o que o rouba, é o que o rasga, é o que o risca, é o que o sublinha, é o que o descola, é o que o coloca fora da prateleira, é o que adormece sobre ele enquanto na sala há quem espere impacientemente pela sua leitura, é o que o fotocopia sem critério e o derranca na fotocopiadora, é o que o leva para casa e nunca mais o devolve, é o que dorme com ele na cama tomando-o como um banal soporífero, é o que o compra e nunca o lê considerando-o um adorno, é o que o lê em diagonal, é o que o lê na livraria sem o comprar defraudando o autor e o livreiro, é o que o critica sem ter lido. Numa palavra: mais tormentos do que no ciclo do linho...

A Biblioteca não é um museu, muito menos um cemitério. A Biblioteca não é um lugar onde fazem ninho e proliferam ratos e ratazanas. A Biblioteca não é um lugar de intelectuais coca-bichinhos. A Biblioteca não é coutada de reformados revivalistas. O pó das bibliotecas é o único pó do mundo que não faz mal aos pulmões... Eu descobri uma vez na minha terra um lavrador analfabeto que fazia cigarros em livros do século XVII... E o pó não lhe fez mal às vias respiratórias. O fumo, esse sim... Eu nunca fui, não sou, nem serei um «rato de biblioteca». Mas faço dela um santuário onde me refugio de todas as ciladas do *stress*. Porque o Saber é uma catedral que se constrói folha a folha, página a página, linha a linha, palavra a palavra, sílaba a sílaba.

Por amor de Deus e de todas as alminhas que Ele lá tem, senhores bibliotecários, não me dêem nunca, mas mesmo nunca, **microfichas** em vez de livros. Isso não, porque a minha relutância é enorme! Eu compreendo aquela história mil vezes contada do Professor de Coimbra que perguntava aos seus alunos nas orais qual era a cor da capa do livro, para se certificar se o tinham ou não consultado. Tenho mesmo pena que os novos ventos pedagógicos me impeçam de fazer a mesma pergunta. Tenho medo, muito medo dos licenciados com cursos tirados à base de fotocópias. São como frangos de aviário sobrealimentados a vitaminas insípidas... Não nego o mérito da fotocópia bem tirada, quando correctamente referenciada na sua fonte e usada com descrição em situações excepcionais, sem violar o direito de propriedade do autor. Não me coloco contra a técnica. Mas quero o livro, porque tenho com ele um enamoramento erótico. Quero folheá-lo, tacteá-lo, sentir a sua resistência no formato, no volume, na cor, no tipo de papel. A **microficha** é uma fotografia a preto e branco, desfigura o livro, despessoaliza o contacto entre emissor e receptor. Na **microficha** dá-se um salto no vazio, não se vira a página. Fica-se sem a noção do volume, do espaço percorrido e do que falta percorrer. Fere os olhos e sobressalta o espírito do feitor Vivemos um período de grande revolução tecnológica, eu sei. A informática tem virtudes que a escrita manual não consegue igualar, é claro. A tese de que o tempo é dinheiro vicia a relação de cumplicidade entre o livro e o leitor, que exige o ócio. O computador é de uma utilidade indiscutível no processamento, armazenamento e impressão do texto. Mas não vislumbro uma Biblioteca de futuro que seja um amontoado de **microfilmes** e **microfichas** passados em aparelhos de manejo sofisticado, que só utentes muito hábeis manipulam com engenho e eficácia. O tempo do intelectual humanista não tem por imperativo da tecnocracia de se

submeter à vertigem de um tempo de concorrência e de competitividade devoradoras. Sendo do seu tempo, o intelectual não poderá abdicar da sua função específica de crítico do seu tempo, do seu espaço e dos seus ritmos.

Estará «a breve trecho» o livro condenado a desaparecer sacrificando-se às exigências economicistas da técnica? Será que a informatização vai impedir a inspiração e a criatividade? Futuração não é seguramente o meu forte. Mas quero imaginar que não. Nasci sem livros no berço, mas quero morrer com eles à cabeceira. Fique desde já exarado em apostilha ao meu testamento. A minha Biblioteca vai crescendo numa progressão geométrica e roubando o meu espaço existencial. Mas, por outro lado, consola-me fruir com cobiça as solicitações de leitura de tantos volumes, sempre disponíveis e sedutores, à minha espera.

Nem célula, nem cela, a Biblioteca é uma memória colectiva, uma consciência do tempo, uma testemunha qualificada, muda quanto basta e loquaz quanto se deseje. Por tudo isto e por muito mais que não cabe neste espaço gráfico, se o livro desaparecer do mercado, se as bibliotecas me servirem **microfichas** quando eu requisitar **livros**, nessa altura, como os contadores de histórias, eu continuarei a dizer: «A páginas tantas...»

António Ferreira de Brito

Até aos anos de 80, constituiu a saia de catalogação da Biblioteca Central da FL/UP um 'universo' inteiramente feminino. Nele superintendia uma das Grandes Senhoras que a Escola até agora teve, e a quem, hoje, não deixo de evocar com saudade e alguma emoção.

Celeste de Jesus Valente Paradela nasceu no Porto (freguesia de S. Nicolau), a 19 de Fevereiro de 1928. Após estudos liceais na sua cidade-natal (sucessivamente no Colégio Nacional e no Liceu Rainha Santa Isabel, 1939/1946), cursou Ciências-Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; até 1950 cumpriu os 4 anos curriculares, e em Julho do ano seguinte apresentou-se a acto de licenciatura, sendo aprovada e classificada com 14 valores, após a prestação dos interrogatórios orais que a lei então previa e a defesa da dissertação Dom Nicolau Monteiro: Enviatura a Roma. Como Mestres, marcaram-na particularmente Manuel Lopes de Almeida, Arnaldo Miranda Barbosa e Avelino de Jesus da Costa. Entre 1951 e 1953 continuou ligada à sua ALMA MATER, frequentando o Curso de Bibliotecário-Arquivista.

Iniciou a sua vida profissional em 1955, como professora do então Ensino Técnico-Profissional, actividade que manteve até 1959 (Escolas Comercial e Industrial de Gondomar, Técnica Ramalho Ortigão e Comercial e Industrial de Soares dos Reis | V. N. Gaia |). Nunca deixou completamente o Ensino, e praticamente até ao fim da vida manteve alguma actividade docente no Colégio de Nossa Senhora da Bonança.

1959 marcaria o seu ingresso no mundo das bibliotecas universitárias. Até 1961 exerceria funções na Biblioteca da Faculdade de Engenharia, e daí transitaria para

a então recém-restaurada Faculdade de Letras¹. Exerceu funções logo na fase de instalação «avant la lettre» (uma vez que as actividades lectivas das licenciaturas em História e Filosofia e do Curso de Ciências Pedagógicas apenas se iniciaram no ano lectivo de 1962/63), cabendo-lhe portanto tudo o que foram os primeiros passos da novel Biblioteca, que começou por incluir o «fundo bibliáco da livraria da primitiva Faculdade, bem como as espécies providas da Reitoria da Universidade»². Fundamentalmente foi a articulação, nesses anos iniciais, com o então Professor-Bibliotecário, Doutor José António Ferreira de Almeida (3913-1981) As salas de leitura e de catalogação e os depósitos aproveitavam justamente as antigas instalações da Biblioteca da Faculdade de Medicina, cujo ex-edifício a jovem Escola muito parcelarmente («hélas») herdava.

Nos anos subsequentes foi o expandir da Biblioteca, mormente a partir de 1969, com a sucessiva entrada em funcionamento das licenciaturas em Filologias Românica e Germânica e em Geografia, e o natural aumento das existências Para além disto, foi o surgir, a partir de 1965, das primeiras bibliotecas sectoriais, eventualmente noutros edifícios:

1. Caso dos fundos de temáticas brasileira, psicológica e histórico-artística., no Palacete Burmester, ao Campo Alegre (1965 ss.);

¹ Sobre o assunto, Cf. por todos Luís de PINA, «Faculdade de Letras do Porto (Breve História)». Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto. vol. I | único publicado| (1966), pp. 59-172, maxime 73-8; Armando Luís de Carvalho HOMEM, «25 (Os) anos da Faculdade de Letras: passado e presente», Revista da Faculdade de Letras |da UP|. História. II sér.; IV (1987), pp. 293-307; e Id.; «Amónio Cruz (1911-1989): Um testemunho», ibid.; II sér.; VI (1989), pp. 457-69

² Cf. notícia sobre o ano lectivo de 1962-1963 no vol. de Cale cit. na nota anterior, p. 453.

2. Caso da biblioteca específica de Filologia Germânica no edifício da Rua das Taipas (ulterior sede da Faculdade de Psicologia), a partir do ano lectivo de 1973/74;

3. Caso, efemeramente, de alguns fundos do domínio da História da Arte no edifício do antigo Seminário de Vilar (onde o Grupo de História funcionou nos anos lectivos de 1975/76 e 76/77).

Em tudo isto Celeste Paradela superintendeu Sempre com um sorriso, uma palavra amável, um «savoir-faire» que a tornavam estimada entre quantos na Casa laboravam. Mas também sem deixar de marcar posição quando as circunstâncias o exigiam: como quando a sua competência foi absurdamente posta em causa, a propósito da instalação nas Taipas dos fundos referidos em 2.; a sua reacção foi pura e simplesmente solicitar uma peritagem à Inspeção-geral da Bibliotecas, que lhe deu razão quanto ao critério seguido na catalogação de tais existências.

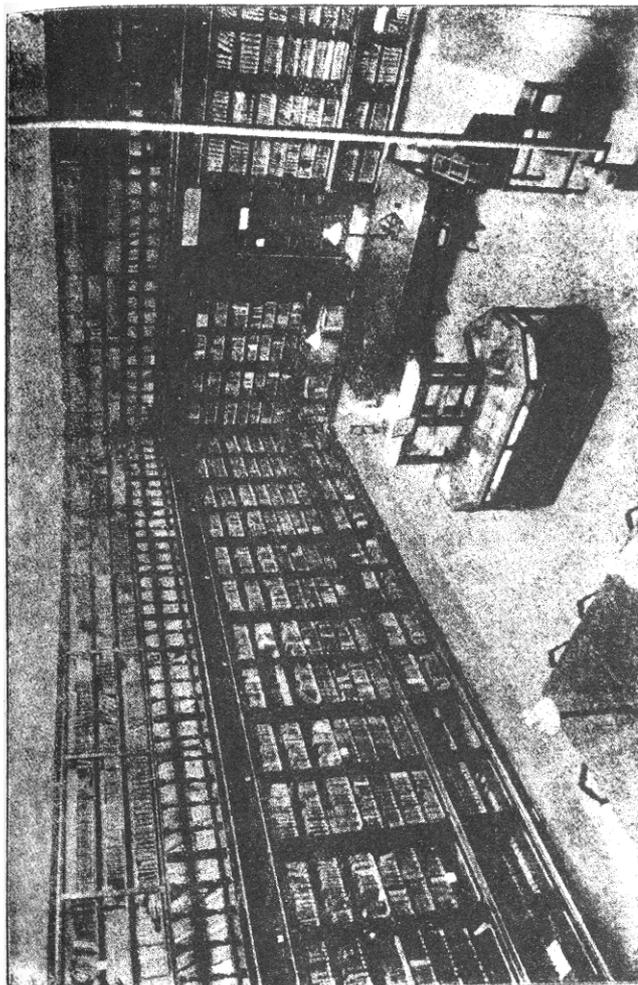
Finalmente, o ano de 1977 traria a transferência da escola para o Campo Alegre e a configuração aí de uma verdadeira Biblioteca-Central, com descentralização das Bibliotecas dos vários Institutos que entretanto haviam surgido ou iriam surgir.

Com graves problemas de saúde a partir do final de 1985, a Dr.^a Celeste Paradela viria a deixar o nosso convívio em Setembro de 1987. Escassas semanas depois passariam os 25 anos sobre as primeiras aulas da Escola que desde o início dedicadamente servira.

Sempre gostei de passar pela sala de catalogação. Já como aluno, quando, por exemplo, e mormente ao preparar a tese de licenciatura, precisava mais demoradamente de alguma obra em leitura domiciliária. Já como docente, quando, por hipótese, se tratava de propor a compra de livros ou de levantar o Boletim Bibliográfico semestral (surgido em

1979). Sempre fui bem recebido, pela Bibliotecária como pelas suas colaboradoras, mesmo quando posições duras que a vida interna da Escola me obrigou a assumir (mormente no ano lectivo de 1982/83) me tornaram pouco popular em áreas outras dos serviços técnico-administrativos da Casa. Mas à Biblioteca tais coisas não pareciam chegar. E a 'misoginia' do claustro universitário nem sempre terá compreendido o funcionamento daquele 'gineceu' tão humano e cordial. E hoje? Em tempos tão contrastantes com aqueles outros, quando a Biblioteca é ela própria um «edifício» de ressonâncias umbertianas, por mais do que uma vez me tem ocorrido esta pergunta: e se a Dr.^a Celeste por cá tivesse estado mais alguns anos?

Armando Luís de Carvalho Homem



Anos 20: Sala de Leitura da Biblioteca da Faculdade de Medicina (U.P.). Esta sala desempenhou a mesma função na Faculdade de Letras (1962-1977).



Com o autor destas linhas (Dezembro de 1985)

Convidaram-me há tempos para participar num debate sobre a leitura de livros chatos, e logo me vi confrontado com uma questão que não se me impunha quando ouvia alguém classificar como chato um determinado texto ou o seu autor: afinal, que vem a ser um livro chato? Todos sabemos o que significa chato como substantivo ou como adjectivo, quer implique uma pessoa, um insecto ou uma coisa, e se não sabemos ao certo em que momento a palavra «chato» começou a designar o que é maçador, enfadonho, inoportuno ou importuno, designação que aparece tarde, quando aparece, nos nossos dicionários, é fácil perceber como se chegou a eia tendo em conta o que faz ao corpo humano o bichinho que se chama *Phthirus pubis* (e que Albino Lapa achava que se pegava ao homem «quando tem relações íntimas com uma mulher pouco asseada»), e tendo em conta o étimo grego ou latino: da noção de «largo, estendido» ou de «plano, rasteiro» passou-se, sem violência semântica ou simbólica, para a noção de «distituído de elevação» moral ou intelectual e para a de «deselegante», «inconveniente» e «incómodo».

E também todos sabemos o que é um livro; pela matéria ou pelo material de que é feito, pela forma ou pelo formato, pelo conteúdo, pela estética, pela função, distinguimos perfeitamente um livro brochado, um livro de ficção, um livro didáctico, um livro de bolso, um incunábulo, ou mesmo um videolivro, um livro branco e um livro de ponto.

Mas só vagamente, subjectivamente, poderemos falar num livro chato. Aliás, para esta espécie de livro faltam estudos que abundam a respeito de outras espécies. E não conheço qualquer teoria geral dos livros chatos. O que conheço, e em português (do Brasil), é o *Tratado Geral dos Chatos*, elaborado por Guilherme Figueiredo. Só que não há nesse higiénico tratado nenhum capítulo dedicado aos livros

chatos, que, ao contrário do que as almas mais sensíveis poderiam esperar, também não são contemplados no capítulo final intitulado «Como livrar-se do chato».

Um parágrafo anterior, a respeito «das coisas chatas», garantia que «podem ser chatos» os seres vivos, como cães e papagaios, as coisas como rádios e automóveis, e os acontecimentos, como enterros, faltas de água e, surpreendentemente, livros - que uma nota de rodapé logo aconselhava a usar «de cabeceira», «contra insónia»: «Alguns não precisam nem de ser abertos: coloque-os a seu lado e inale.». Já o prefácio («prefácio é chato»...) garantia, desde a primeira frase, que «um bom livro tem como primeira obrigação não ser chato».

Vemos assim que Guilherme Figueiredo concebe a existência de livros chatos, que opõe aos bons livros, mas que não caracteriza mais do que nessa vaga oposição. Ora quando se concebe a existência de livros chatos impõe-se a reflexão sobre as razões porque o são. A minha convivência com estudantes e escritores, que são quem mais fala em livros chatos, ou quem mais se chateia com livros, permite-me, talvez, a ousadia de apontar algumas dessas razões. Livro chato seria: 1) o livro mal escrito; 2) o livro longo; 3) o livro arvesado, cerebral, conceptual, 4) o livro sem ideias; 5) o livro sem emoções; 6) o livro pedante; 7) o livro provocador. Fiquemo-nos por estas espécies, tantas quantas os pecados capitais.

Facilmente se notará a insuficiência ou inconsistência deste inventário ou desta tipologia. Por exemplo: o que é mal escrito ou provocante para uns é o que faz as delícias dos outros. E vendo bem, quantos livros ficariam de fora? Chatos, de resto, são sempre os livros dos outros.

O melhor é concluir que nenhum livro é chato; no pior dos casos, pode ser um bom pretexto para reflectir sobre a pequenez e a chateza ou baixeza do espírito humano. Sim,

não há livros chatos; o que há são leitores chatos - ou chateados.

Arnaldo Saraiva

Ten years ago during a debate on the future of lexicography at EURALEX in Zurich, the representative of one of the better-known English language dictionary publishers pointed out that in a short space of time it would be possible to publish all of their dictionaries on one CD-Rom. The question was - what would happen to the dictionary as an instrument of knowledge and, more important to the publisher, what would happen to their business if the well-bound heavy volumes we associate with the word dictionary were to disappear into a small thin plastic disk?

"Well", said someone, "just use your imagination. Think how marvellous it will be not to be restricted by space. Instead of sitting here arguing whether we should fill the tiny space allotted to describing *elephant* with '*a very large animal with two tusks and a trunk*', or '*huge four-footed pachyderm with proboscis & long curved ivory tusks*', we shall now be able to describe it as fully as we like - and include a picture of it as well!". In fact, technology now allows us to add the sound it makes, and include a video clip of it moving in its natural surroundings. There is no longer any problem in adding whole texts to describe the collocations for expressions like *white elephant*, *pink elephants* and *an elephant never forge/s*. Nor should there be any problem in supplying plenty of information on how other languages lexicalise and collocate it.

Technology will also allow this information to be regularly updated without having to cut down a whole new forest to do so. Dictionaries and encyclopedias as investments are big, both financially and in relation to the space they occupy on the shelf Yet they have a limited shelf-life. If you doubt me, try writing a project on any well-

known city in the world using an encyclopedia over 15 years old, or try looking up the definition of *computer* or *CD-Rom* in a dictionary over 10 years old. We shall now be able to keep the old version for its historical interest if we like, but upgrade the facts we need for practical use.

Modern technology will encourage lexicographers, encyclopedia compilers, and everyone involved in supplying large quantities of information to use all their powers of creativity and imagination. The very concepts of *dictionary* and *encyclopedia* will probably take on quite different meanings and connotations. Whisper it loudly if you dare - the process of the acquisition of knowledge might actually become FUN!

Yes - but I know. There is something so comforting to those of us who love libraries about being surrounded by books. The greater the variety and quantity, the prouder we feel about the creativity of human nature. Books attract by their appearance and their touch and smell, and there is something very satisfying and almost sensual about curling up on a comfortable sofa with a good book. Technology may be all very well for supplying information, they say, but the imaginative world of fiction and poetry can never come out of a computer.

Yet the same technology that allows us to create 'virtual' books also allows us to create conventional books. Many people actually find the use of a computer helps them in the process of writing. Gabriel Garcia Marques claims that his output has increased from one book every nine years to one every three since he started writing with a computer. Rather than substituting the book and its relatives, the computer has allowed more and more people unprecedented

access to publication of their work. We already talk about desktop publishing and, like it or not, the main function of publishers could soon be that of distribution rather than production.

The radio, cinema and television have allowed new art forms to develop. Dylan Thomas' *Under Milk Wood* was intended for the radio, and it is pertinent to ask which is the true version of it - the written book, or the cassette of Richard Burton's lilting Welsh recording of it? Many conventional books can be acquired in spoken form, not to mention the film versions. The computer, too, will also lead to its own forms of creativity in the literary world, and the term multi-media may signal the form it will take.

Libraries are full of books because that is the way we have conveyed our knowledge and expressed our literary creativity for centuries. Although I by no means forecast the demise of the book in its traditional form, the time has come for us to widen our concept of *library* to include its emergence in other forms. In a library which is connected by technology to libraries all over the world, and receiving the written word through the Internet, different ways of storing knowledge will soon become routine. Psychologists tell us that learning is best acquired when all, or most, of the senses are involved. Cassettes, diskettes, videos, CD-Roms and other inventions of technology will simply provide alternative and equally - possibly more - fulfilling ways of exploring and interpreting the world.

Our library is the one area of our Faculty building which has merited praise from many people. I should also like to congratulate those who run it. May they take us into the 21st century using all the technology the modern world can

provide for the storing of knowledge and the expression of
creativity.

Belinda Maia

Desigualdades sociais. Um estigma que trespassa a humanidade e que procuro expressar quão rigorosamente quanto sou capaz nos argumentos económicos que vão constituindo o artigo.

As alterações estão estruturadas, a sequência lógica do trabalho está garantida, mas recordações múltiplas, composição de imagens e murmúrios, alavancas, âncoras e arcas encoiradas surgem-me nebulosa e desorganizadamente crivando o discurso reconstruído com novas certezas e interrogações

Desigualdades, Revolução Francesa, crença num futuro que nunca surgiu de entre as teias das contradições sociais, memórias de livros há muito lidos. Sim, recordo-me de tê-lo feito quando despontava para essas inteligibilidades. A desconfiança perante as crenças, a convicção da capacidade transformadora do homem, fazia de Condorcet um escritor singular. Passadas três décadas sobre a sua leitura continuo a sentir o orgulho de ser homem, a vaidade de viver nas luzes, o encantamento de estar a despertar para a filosofia e a ciência.

Sol quente, papoilas rubras ensaguentando os campos amarelos e lilases, uma toalha estendida no chão repleta das iguarias possíveis em dia de espigas. Na consumação das práticas familiares de louvor à primavera e esperança de pão na mesa, euforicamente lia *Quadro do Progresso do Espírito Humano*. Lia, assimilava, escrevia, comentava.

Essas imagens embriagam-me o olfacto. Poderia terminar o artigo sem pensar mais nessas ideias do passado mas elas atizam a chama da cultura que transporto. Preciso de ir buscar esse livro.

Entre centenas de obras apinhadas em prateleiras duplas procuro tensamente o pequeno livro verde da Biblioteca Cosmos - como recordo a colecção e a simpatia do seu editor, homem bonacheirão transpirando mais amor ao texto

que anseios de lucro! Finalmente, na fila de trás da quinta prateleira encontro-o. Desfolho-o tacteando as folhas espessas de amarelo escuro, de corte incerto. Este texto é do Vitorino. Aqui começa Condorcet. Releio os sublinhados, recordo assuntos esquecidos, atento nas setas indicadoras de um parágrafo, Fico espantado de ter entendido aquele discurso. Finalmente. Aqui está. Página duzentos e nove com um forte risco curvilíneo de lápis preto na margem direita. Talvez esta frase sirva para o meu artigo: "As nossas esperanças quanto ao futuro da espécie humana podem reduzir-se a estes três pontos importantes: a destruição da desigualdade entre as nações, os progressos da igualdade num mesmo povo, enfim, o aperfeiçoamento real do homem". Pobre espírito humano que tanto se enganou, que já então acreditava na força espontânea dos mercados que o mundo burguês iria construir. Ensinar, transmitir aos homens os saberes, instruir, instruir, instruir é o caminho a que Condorcet frequentemente se amarra. "A igualdade de instrução que podemos esperar atingir, mas que deve ser suficiente, é a que exclui toda a dependência, forçada ou voluntária" acrescenta algumas páginas depois.

O manuseamento do livro, o peso das suas recordações, a pausa na redacção do artigo desencarcerou recordações e pesadelos. O artigo é de Economia mas talvez não fosse descabido considerar uma fala de Camus, uma recordação de Gorki, um devaneio de Sartre, um poema de Torga, um parágrafo de Lenine, uma citação da Bíblia, uma recordação de Rousseau, um diálogo de Platão, um raciocínio de Russell. Com jeito até na Mafaldinha encontrarei alguma coisa.

E assim fico, meio absorto, olhando os livros, apalpando encadernações, cheirando papel e pó, desfolhando páginas, lembrando quimeras, aclamando a sabedoria,

reconstruindo o passado entre tacteares, vislumbres, leituras e odores.

Não passei muito tempo olhando para a minha biblioteca mas chegou a altura de terminar o artigo. Batidas as últimas teclas, relidos os últimos visores, corrigida automaticamente a ortografia descuidada posso imprimir. A vista cansada, a necessidade de colocar as pernas sobre a mesa enquanto leio o último naco de prosa aconselha uma impressão em papel reciclado para sobre ela, a traço vermelhos de desalinhada ortografia, introduzir as últimas modificações.

Finalmente o artigo está pronto. Já posso enviá-lo por correio electrónico e a partir de amanhã já pode ser consultado na Internet.

Carlos Pimenta

A descoberta e a utilização da escrita abriu uma nova Era. Ampliou prodigiosamente a memória do Homem. E, mais do que isso, objectivando e fixando os pensamentos, permitiu que a reflexão, segura e demoradamente, consolidasse e aprofundasse a consciência própria e criticamente construísse teorias.

É só no Livro que a escrita pode atingir as suas mais perfeitas e extensas elaborações. É nele que a Inteligência melhor pode iluminar.

Repetindo o lugar-comum tão verdadeiro, diremos, uma vez mais, que uma Biblioteca é um tesouro que os bárbaros podem ignorar ou destruir, mas não podem nem roubar nem degradar.

Creemos bem que a Era Tecnológica agora iniciada, com a gama ainda não esgotada dos meios electrónicos que faculta, deu à inteligência humana insuspeitadas possibilidades. Já alguns fanáticos anunciam mesmo o advento do "cibernantropos".

A memória dos computadores excede-nos vertiginosamente, quer no armazenar das informações, quer na rapidez e precisão de recordar. Os cálculos matemáticos e lógicos, e as organizações por eles possibilitadas, são instantâneos e infalíveis. A imagem electrónica permite experiências até há pouco inimagináveis. (Pena que a sua publicitação, dificilmente controlável, possa destruir a intimidade e a privacidade, onde, e só onde, as personalidades em formação conseguem amadurecer e atingir o plano ético.)

Será pois que o Livro e a Biblioteca têm os dias contados, e esta deve ceder o lugar a Centros Informáticos que possibilitam a afloração tópica de uma rede universal de bases de dados?

O que já dissemos nos legitima na conclusão pela negativa. Só o livro permite, por força da sua imutável essência, por ser uma longa e articulada escrita, a reflexão crítica e especulativa sem a qual a cultura morre e os homens se degradam.

Por sobre os meios audio-visuais, que não devem ignorar nem desprezar, as Bibliotecas oferecerão sempre, nos seus livros, o alimento superior do Espírito.

Eduardo Abranches de Soveral

"Thank you!". Ouvi esta fórmula de agradecimento, em voz baixa, dita pelo funcionário que acabava de trazer, até ao lugar onde me encontrava, a meia dúzia de volumes que havia requisitado minutos antes. Era a minha primeira visita à British Library, em Londres. Era de facto a minha primeira visita a uma biblioteca daquela dimensão. Todavia, mais do que o tamanho da biblioteca, o que me surpreendia era o facto de, a escassas duas horas de avião, ser possível deparar com gestos tão espantosamente civilizados, tão distintos daqueles a que me habituara aqui, ou, para ser mais exacto, a que não me habituara, mas com os quais tinha que conviver.

Este episódio veio alertar-me, na altura, e continua a ser válido, hoje, para a importância do relacionamento entre os diferentes utentes de um espaço público de características específicas, como é o caso de uma biblioteca.

Vivemos hoje rodeados de máquinas que existem supostamente para nos facilitarem a vida. A circulação e a acessibilidade da informação processam-se, nos nossos dias, a uma velocidade inimaginável há apenas alguns anos. Todos os que precisam de utilizar os serviços e as instalações de bibliotecas, designadamente de bibliotecas académicas e de investigação, sabem que a informática lhes permite, não só um considerável ganho de tempo na execução de diferentes tarefas, mas sobretudo uma maior segurança e fiabilidade nos resultados obtidos. Há mesmo alguns exemplos que apontam no sentido de uma progressiva dispensa da intervenção humana em muitos dos procedimentos que a utilização de uma biblioteca pressupõe, por parte dos que a frequentam. Contudo, do mesmo modo que não me parece credível o ponto de vista que por vezes se ouve segundo o qual o livro, enquanto realidade física, terá a sua existência ameaçada pela difusão dos novos suportes de informação, também penso que deverá continuar a haver um lugar porventura ainda mais

relevante para a presença humana num lugar como a biblioteca.

Os novos desafios com os quais se confrontam todos aqueles que, executando diferentes tarefas, exercem a sua actividade profissional numa biblioteca, implicam uma sensibilidade acrescida para as solicitações dos utentes. Não basta hoje saber onde o livro se encontra, até pelo facto de muitos dos volumes existentes em bibliotecas universitárias serem de livre acesso. A tarefa mecânica de ir buscar a uma estante um volume que alguém solicita não requer um conjunto de aptidões apreciável, mas o mesmo já não acontece quando se espera que a qualidade do serviço prestado possa ultrapassar essa mera capacidade de localização e transporte de um dado volume. Há certamente que tornar possível um importante investimento nos recursos humanos de uma biblioteca, preparando adequadamente todos os que nela trabalham, e em especial aqueles que mais directamente contactam com os utentes, para poderem dar resposta ao que deles se espera. É certamente desejável que o conceito de "aldeia global" pressuponha não apenas uma ideia de proximidade entre os diferentes elementos que dela fazem parte, mas sobretudo que não esqueça que na aldeia todos se conhecem de facto de um modo muito menos impessoal que na grande cidade.

Agora que a Faculdade de Letras do Porto pode finalmente dispor, pelo menos no que à sua biblioteca diz respeito, de uma estrutura física de qualidade que permite que a investigação e o estudo se possam desenvolver em espaços adequados, podemos - e devemos - aproveitar tudo o que as novas tecnologias nos oferecem, mas há ainda um longo caminho a percorrer até ao dia em que, juntamente com um livro que pedimos, possamos ouvir, certamente com alguma surpresa: "Obrigado!"

Eduardo Jorge Ribeiro

O termo biblioteca apareceu na Grécia com o significado de "cofre do livro" e, por extensão, designando o local onde os livros eram conservados, bem assim como as colecções de livros em si mesmas.

Além da componente patrimonial - conservação da memória colectiva, através da informação registada em suportes materiais - também, desde as origens, a função "serviço" - uso e pesquisa de informação - surge implícita no conceito de "biblioteca". Já na Antiguidade temos, portanto, perfeitamente conceptualizada uma realidade, que progressivamente se complexificou, tornando nítidas as suas componentes próprias, que permitem hoje afirmar, sem receio, que o conceito define um **sistema de informação** específico.

A biblioteca repositório de livros vieram a juntar-se, ainda na Idade Moderna, os periódicos e, após a revolução industrial de Oitocentos, novos suportes materiais, em que a imagem e também o som se converteram em meios de registo da informação. Em face desta evolução surge, em finais do século XIX, o Instituto Internacional de Bibliografia (mais tarde Instituto Internacional de Documentação) e começa a tomar forma o termo "documentação", para designar os suportes informativos distintos do livro, embora este não se exclua do seu âmbito.

A vulgarização dos novos suportes veio aliar-se, no século XX (em especial após a 2ª Guerra Mundial) um outro fenómeno, que ficou conhecido por "explosão documental", ou seja, a produção em massa de todo o tipo de registos informativos, incluindo os novíssimos documentos informáticos, hoje vulgarmente designados por "electrónicos". Todas estas alterações traduziram-se, naturalmente, em desenvolvimentos vários, a partir da "velha" biblioteca. Alterou-se, especialmente, a função "serviço" e nasceram bibliotecas especializadas (centros de

documentação ou serviços de informação) quer quanto ao conteúdo - bibliotecas médicas, bibliotecas de artes, bibliotecas de química, etc. - quer quanto ao tipo de suportes informativos - hemerotecas, fonotecas, discotecas, mediatecas, ludotecas, etc. A especialização tem sido de tal ordem que, a componente patrimonial se tem anulado substancialmente, havendo casos em que apenas se valoriza a questão do acesso à informação, para servir com o máximo de eficiência os utilizadores. Tem-se designado por "gestão da informação" o conjunto de operações aplicadas no tratamento técnico do conteúdo informativo dos suportes, que dão corpo a serviços com estas características. Eles têm tido especial desenvolvimento em áreas científicas e técnicas, como apoio imprescindível à investigação, usando e "abusando" da electrónica e da telemática como meios de registo e troca de informação. Assim surgem as chamadas "bibliotecas virtuais" em que a componente patrimonial *in loco* foi excluída, embora ela exista algures, pois é um dos factores *sine qua non* para a definição do conceito. Ao longo dos tempos mudaram os meios, evoluíram as técnicas, especializaram-se, conforme os casos, as componentes "de conservação" ou "de serviço", chegando mesmo a extremar-se situações. Mas o "velho" conceito de biblioteca, esse, mantém-se inalterável na sua essência, se o pensarmos como equivalente a sistema de informação. Se assim não fosse, onde encontraríamos o objecto de estudo da Biblioteconomia, que hoje vemos afirmar-se como uma das Ciências da Informação? Um percurso epistemológico nesta área demonstrará, necessariamente, a permanência desse mesmo objecto e os fundamentos científicos da disciplina. Os novos termos podem traduzir *nuances*, mas não é aceitável que desvirtuem o essencial. *Bibliotheca* ontem, serviços de informação (ou mais especificamente ainda, de ICT = informação científica e técnica) hoje, são termos equivalentes

que, *mutatis mutandis*, correspondem a um mesmo conceito. Daí que, o bibliotecário, o documentalista ou o gestor da informação de hoje mais não sejam do que a versão moderna do *bibliothecarius* de outrora.

Fernanda Ribeiro

Bibliotecas! Se o sema actual nos leva para o mundo clássico grego, enquanto lugar de recolha e conservação de livros, códices e documentos, a realidade é muito mais antiga; podemos acompanhá-la, na sua evolução diacrónica, desde a descoberta da escrita nas civilizações pré-clássicas. Assim foi na Mesopotâmia, assim foi no Egipto.

Na verdade, a invenção da escrita marca um real e valioso salto qualitativo na evolução do espírito humano. É a partir dela, que se propaga a memória das descobertas e invenções, que, empiricamente, provam ao próprio ser humano que o homem é ele e as suas circunstâncias; que as dificuldades e doenças o acicatam na procura de remédios e na sistematização da ciência; que a religião o ajuda a obter a protecção dos deuses e o promove na prática do bem para com o seu semelhante; que as lutas e guerras são a forma necessária de criar impérios e dominar outros povos.

Começa, então, a preocupação de perpetuar a lembrança para que os vindouros conheçam os factos e admirem os seus agentes; maior, porém, será a preocupação de auto-afirmação no convívio dos contemporâneos e súbditos. Muitas inscrições em penedos, estelas, tabuletas e templos por parte de governantes, reis, faraós e sacerdotes, são a prova clara de que, desde os primórdios da cultura escrita, o homem sentiu a necessidade de se dar a conhecer, de se afirmar superior. A escrita foi, desde logo, um privilegiado veículo de propaganda, mesmo antes de ser um instrumento de saber.

Assim foi, de facto, na Mesopotâmia, berço da cultura e cadinho de civilizações onde, no espaço de milhares de anos, desde 3200 AC, se sucederam as civilizações pré-clássicas dos sumérios, acádicos, assírios, babilonenses, medos e persas. É toda uma cadeia de relações e de osmose culturais em que a escrita cuneiforme, comum a todos esses povos, servirá de veículo para a construção do saber

universal e se tornará geradora das primeiras bibliotecas da humanidade. Na verdade, começara, então, a formar-se a literatura com dimensões históricas, científicas, religiosas, filosóficas, jurídicas. Encontradas em recônditos de templos ou em salas-arquivos de palácios reais, chegaram até nós em frágeis tabuletas de barro cozido as primeiras narrativas mitológicas, autênticas jóias literárias da humanidade. Como disse Fernando Pessoa, "o mito é o nada que é tudo" Por isso, essas distantes narrativas ecológicas foram a resposta possível e satisfatória às inquietações interrogativas, que transcendem a inteligência dos humanos. Como não lembrar os poemas de *En uma Eljsh* e a epopeia de *Gilgamesh* ? E que dizer daqueles textos legislativos, encontrados em várias **cópias** a demonstrar a necessidade de leis para manter a ordem, afirmar a dignidade do homem, salvaguardar a justiça social, defender órfãos e viúvas, conter a exploração e reprimir a opressão? Milhares de anos antes de Cristo, na Mesopotâmia aparecem os primeiros códigos de direito legislativo a nível mundial (Ur-Nammu, Lagalzagesi, Shulgi, Eshnunna, Hammurabi) ao lado de muitos textos, que não passam de exercícios escolares, e de tantos e tantos documentos de simples compras e vendas. Os materiais de suporte da escrita são ainda deficientes e frustres, não facilitam a conservação e difusão, mas não deixam de ser a prova real do interesse e da necessidade de saber ler, escrever e contar, que leva à criação dos primeiros arquivos históricos e das primeiras escolas de escribas e das bibliotecas onde se faz a "troca" de conhecimentos, ao mesmo tempo que se transmite a cultura. Sem dúvida, "a história começa na Suméria", e a "biblioteca de Assurbanípal" (661-629 AC), consagrada ao deus Nabû, é a primeira grande instituição cultural conhecida. No seu palácio de Nínive, o belicoso rei assírio não se limitava a contar soldados e carros de guerra, ou a receber tributos e oferendas dos povos dominados;

apreciava também o ócio da leitura e da reflexão. Dai a riqueza e variedade de tabuletas inscritas: textos adivinhatórios e apotropaicos, astrológicos e mitológicos, para além de muito documentos de carácter material-económico. De resto, foi na Suméria que se encontrou o primeiro catálogo duma biblioteca, uma pequena tabuleta ou placa em duas colunas (38x23 mm) com a lista de 62 obras literárias (Museu da Universidade de Filadélfia, N° 29-15-166).

Assim foi também entre os egípcios. Que o digam as inúmeras inscrições, que cobrem os templos principais de Karnak e Luxor, Ramesseum, Abu Simbel e Medinet Abu, ou estão gravadas em estátuas e estelas? Que o digam os incontáveis e admiráveis papiros espalhados pelos museus do mundo?! E que nos diria a escola de escribas a funcionar junto aos templos, a celebrada "casa da vida" (*Per-Ankh*). tendo os respectivos sacerdotes por mestres para ensinar as "palavras de Tot"? E como são numerosos e belos os livros que nos chegaram do Egipto faraónico, quer dos Mortos quer de escritos literários?! Não sem razão, um escriba antiquíssimo louvava a imortalidade dos escritores egípcios e exaltava a sua profissão:

"Sé um escriba de coração.

Para que o teu nome seja como o deles.

Vale mais um livro que uma estela gravada,

Que um sólido túmulo escondido...

A morte fez esquecer os seus nomes

Mas os livros fizeram-nos lembrados!"

Bibliotecas! Nas civilizações pré-clássicas já era, de certa maneira, assim! Mas seria preciso ainda esperar muitos séculos para o mundo clássico ouvir falar da célebre biblioteca de Alexandria, espécie de "breviário mediterrânico" cultural do Ocidente, das bibliotecas de Atenas, de Pérgamo e de Roma. Mas o mundo contemporâneo, esse ainda terá

muito que se preocupar em organizar e construir bibliotecas, acabando, assim, por reconhecer que elas são, na verdade, instituições prestimosas da memória cultural e do saber acumulado da humanidade.

Geraldo J. A. Coelho Dias

Apresentar um testemunho sobre o livro constitui uma empresa aliciante, e ao mesmo tempo difícil e complexa, na medida em que o mesmo representa na sua essência um saber acumulado e diversificado. Desde a invenção da imprensa em caracteres móveis, com a edição da Bíblia de 42 linhas (1453-1455) deram-se passos extremamente importantes na história do livro, cujo constante aperfeiçoamento muito contribuiu para que se dessem passos importantes no alargamento da cosmovisão dos homens do passado, mais aptos a rasgar trevas do desconhecido e a aventurarem-se na descoberta e na inovação.

Também a invenção da imprensa representou um acesso mais fácil, embora lento e paulatino, a um dos mais expressivos instrumentos ao serviço do homem, alargando consideravelmente o espaço da comunicação, a qual se encontrava restringida à produção manual do manuscrito.

Ao longo dos tempos o livro foi-se aperfeiçoando gradualmente, dando origem no século XVI às edições de luxo, com a impressão de Livros de Horas, ilustrados com a mais requintada beleza. Por seu turno, verificou-se desde o início, a manutenção do cursivo gótico alemão dos manuscritos quatrocentos, situação que prevaleceu até ao dealbar do século XX. Em Veneza assentou o berço do moderno livro impresso, com artistas inigualáveis na sensibilidade e no equilíbrio da forma.

Existe, com efeito, uma estreita cumplicidade entre o livro e o leitor. Cada livro representa o acesso à descoberta, exercendo um fascínio difícil de explicar através da magia da palavra, embora ele próprio represente as palavras cujo acesso implica um modo de abertura a conhecimentos mais profundos. É através da relação entre o livro e os homens, nas diversas etapas psicogenéticas do seu desenvolvimento, que se forjam as condições para a criação duma evolução equilibrada, que implica o acesso a módulos significativos do

saber. As representações mentais reflectem na sua ipsidade as fases representativas do mundo como realidade e conhecimento.

O recurso às novas técnicas de condensação da informação de modo algum podem pôr em causa a validade do próprio livro, embora surjam no horizonte algumas vozes que pressagiam a morte desses instrumentos essenciais da cultura dos homens. Essa morte anunciada não passa dum falso rebate. A conciliação entre a nova linguagem da informação, com recurso aos métodos tecnológicos mais sofisticados, não representa uma ameaça, mas outrossim uma forma complementar de tornar mais veloz e acessível, o conhecimento aos seus utilizadores. Lembrando o filósofo Descartes devemos ter sempre presente o conceito, que resulta impossível quantificar o racional, na medida em que este é, por essência e natureza qualitativo.

O contacto que se estabelece entre o leitor e o livro gera engramas afectivos que fazem da obra impressa um repositório fundamental no gosto e na atracção pela leitura. O livro com a sua própria textura valoriza e potência a criatividade, contribuindo dum modo decisivo para que se desenvolvam no homem valências essenciais da sua psicologia profunda. Esse despontar resulta em boa medida desse empolgante desafio gerador de sinergias potencialmente submersas no inconsciente do ser humano. Ir ao encontro desse desabrochar poderá em muitos aspectos permitir um diálogo que assente numa tríade: o homem, o livro e a leitura. Um acto que em si mesmo pertence a essa estreita conjugação que se estabelece na relação que se forma entre eles. Uma relação que se quer e se pretende cada vez mais potenciadora da extraordinária capacidade imaginativa e criadora do homem.

Humberto Baquero Moreno

*O verdadeiro lugar do nascimento
é aquele em que se lançou pela
primeira vez um olhar inteligente
sobre si próprio: as minhas
primeiras pátrias foram os livros*
Marguerite Yourcenar

Há um bibliotecário especial que se mantém, desde há muito tempo, sentado numa cadeira da minha memória. De vez em quando levanta-se e vem comigo, cá fora, "passar" na biblioteca.

Criado por Anatole France, personagem de um conto magnífico (La Chemise) ouvia, como ninguém, esse falar em silêncio, essa animação constante, esses discursos intermináveis, esse raciocínios brilhantes, essas gargalhadas, esses choros, essas tiradas inocentes, essas contestações pesadas; sentia a alegria e a tristeza, a consciência e a inconsciência, o belo e o feio, o bem e o mal; ouvia Deus, a natureza, o homem, o tempo, o número, o espaço entre o tangível e o intangível, contestando, afirmando, negando tudo. Os livros falavam, nessa Bibliothèque Royale, como falam em todas as bibliotecas de todos os tempos e de todos os lugares. Para quem os quer ouvir. Para quem lhes presta atenção. Para quem os ama.

E é esta a verdadeira memória do mundo. Porque é na "alteridade radical simbólica" que cada livro representa que se constrói o universo. Não há dois livros iguais, tal como não há dois homens iguais.

Stefan Zweig dizia que os livros são feitos para unir os homens para além da morte e nos defender do inimigo mais implacável da vida - o esquecimento. Não sei se Borges queria, de outra maneira, explicar o mesmo: apesar de suspeitar da iminente extinção da espécie humana, a sua Divina Biblioteca perduraria, perpetuar-se-ia: iluminada,

solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta...

A Biblioteca que fala, que acolhe, que vê, que ouve não é, de certeza, a biblioteca em que trabalhava o pai daquele jovem de quem Elie Wiesel falava num dos seus romances - o pai que escolhera ser bibliotecário por que gostava da solidão e do silêncio.

Entre divagações filosóficas dou comigo, às vezes, a pensar no que pensam "os outros" encontrar na biblioteca.

No meio de correrias e pressões impiedosas sobra pouco tempo, não raro, para procurar - a aventura da descoberta passa pelo despertar dos sentidos, essa predisposição para ouvir falar não é só coisa de místicos ou de visionários. Talvez um dia um outro general Stumm, como o de Robert Musil que vai à kaiserliche Bibliothek procurar o pensamento mais belo do mundo e, aterrado, descobre que precisava de 10.000 anos para ler os 3 milhões e meio de volumes, apareça, mais sensato, menos ambicioso. Não vá acontecer-lhe o mesmo que ao Autodidacta de Sartre n'A Náusea, o qual resolve iniciar a leitura de todos os livros da biblioteca, seguindo a ordem alfabética, e pára na letra N.

E que esse fantástico livro do Grande Tudo guardado na "Babeloteca" não é senão o livro do qual cada um de nós, em cada momento em que nele pegou, viu sair todos os outros eus, se reviu, se ultrapassou a si próprio, sentiu, sonhou...

Às vezes penso no Príncipe Pipo de Pierre Gripari, que se calhar ninguém conhece, mas que um dia partiu em busca do paraíso perdido para consultar na Grande Bibliothèque o livro da sua vida e fica decepcionado ao descobrir que o livro se escreve por si próprio à medida que ele vai vivendo. Surge-lhe então um rato branco (podia muito bem ser um bibliotecário) que lhe explica três coisas: o que é, é; o que foi, não volta a ser; o que há de ser, não é ainda -

pode parecer insignificante mas é nisto que consiste a sabedoria. Nenhum livro do mundo poderá ultrapassar esta realidade.

Para mim, é a sua única limitação. De resto, enquanto o homem for homem, enquanto o mundo for mundo, o livro permanecerá o espelho da alma.

Isabel Pereira Leite

Cedo, muito cedo, um mágico objecto, de cores vivas e sons estranhos invadiu o ritual do banho diário, e, durante longos meses, passou a ser companhia inseparável daqueles momentos em que I. se deliciava com a água morna que lhe escorria pelo corpo ao mesmo tempo que folheava aquele objecto de plástico ao qual a mãe chamava "livrinho".

Do plástico ao papel foi um ápice, o formato e os sons continuavam a seduzi-la, o cheiro e o sabor do papel exerciam nela uma atracção irresistível ao ponto de devorar folhas e folhas, invariavelmente as últimas, de inúmeros volumes da colecção Vampiro, impedindo, assim, que os crimes investigados pelo inspector Maigret ou pelo conhecido advogado Perry Mason fossem desvendados por quem, depois, os quisesse ler.

Desde então não mais conseguiu libertar-se de tal companhia. Ano após ano, ao longo de uma vida cheia de aventuras e desventuras, o livro tem sido o amigo leal e sempre presente nas horas boas e más fazendo rir, chorar, pensar e reflectir, ensinando, desvendando os segredos do universo, revelando um pouco da vida de cada um de nós.

De casa para o trabalho, no autocarro, devora com avidez as páginas do livro que casualmente e à pressa retirou da estante, nas longas viagens de comboio que, por obrigação profissional, faz com frequência, devora livros inteiros; nos momentos de lazer o livro ocupa lugar de destaque; no trabalho ajuda a descobrir soluções e a tomar decisões. Este estreito relacionamento só termina, quando, ao fim do dia, extenuada, já na cama, folheia o livro que a mão alcança na mesinha de cabeceira, até cair num sono profundo, merecido.

Na Biblioteca passa a maior parte do seu dia, escasso, contudo, para dedicar ao livro o tempo que ele merece. Por estranho que pareça, é na Biblioteca, local onde vivem, convivem e sobrevivem as histórias de cada um de nós e a História de todos nós, que I. mantém uma posição de maior

distanciamento e frieza em relação a este amigo de todos os momentos.

Diariamente, na Biblioteca, trava consigo própria uma luta titânica para manter com ele uma relação puramente profissional; ocasionalmente distrai-se, I. não resiste à tentação e lê, aqui e além, algumas passagens de alguns dos livros que, às dezenas, todos os dias lhe passam pelas mãos.

Descobre-os, folheia-os, consulta os sumários, os índices, por vezes, lê os prefácios e as introduções, conhece-lhes a cor das capas, identifica-lhes o conteúdo, atribui-lhes a localização, divulga-os, publicita-os, dá-os a ler.

Os milhares e milhares de livros, arrumados e alinhados em estantes e prateleiras, num infindável jogo de cores, são o seu mundo; conhece-os, acarinha-os, protege-os mas infelizmente, na Biblioteca, não lhes pode oferecer aquilo por que eles mais anseiam: o prazer de os ler -**I. é Bibliotecária**

João Leite

A *Biblioteca*, lugar repousante para o frequentador ávido de se deleitar com as leituras de seu agrado em que gasta ócios do seu dia, é uma imagem romântica que não se harmoniza com o que lhe solicitam o investigador e o docente, impelidos pela urgência de uma informação, necessidade de uma pesquisa bibliográfica, procura de uma actualização do saber ou saberes, a obter.

Dir-se-á ser o templo de obrigatória visita, o cofre do capital que busca o poço de águas armazenadas donde extrai coisas novas e velhas. A *Biblioteca* é a alma da Escola onde o espírito palpita e um tesouro se guarda.

Para o mestre universitário entregue ao cultivo das ciências humanas, e em especial as históricas, o seu valor reside no **fundo** que reúne e oferece, fruto do que, século a século, ano a ano, dia a dia, saiu dos prelos, resultante do labor paciente e interessado da comunidade científica, como pertença do património cultural. Para os discentes é a oficina de trabalho em que encontra ao dispor as obras constantes dos elencos bibliográficos fornecidos pelos regentes dos cursos ministrados na instituição.

A abissal distância entre o que é possível possuir e as imediatas, imprevistas e específicas procuras de títulos tornam, porém, a *Biblioteca* paradoxalmente o lugar da surpresa e do desânimo, pois a eufórica alegria pelo encontrado alterna com o frustrante desalento ante o inexistente. Por isso, o seu apetrechamento se deve voltar prioritariamente para o espécime de difícil aquisição, por raro ou esgotado, no âmbito da bibliografia geral e específica, pautada pelos cursos professados e pelas linhas de pesquisa a que os docentes se entregam. E certo que se deve contar, neste aspecto, com a existência dos recheios dos Institutos, estruturas fundamentais da Faculdade, se bem que se acautele a sua indexação no ficheiro da biblioteca principal. Reconhece-se que as bibliografias são infindas, à semelhança

de minas a explorar e a achega preciosa prestada hoje pela informatização permite fazer convergir, no caudal do leito comum, o repositório desses vários afluentes.

A aposta, dada a limitação dos espaços de acondicionamento e as diminutas verbas para a aquisição, exige a criteriosa selecção das proveniências. O domínio dos idiomas tem de conjugar-se com a necessidade de se poder dispor do que paralelamente se vai editando noutros quadrantes culturais que importa conhecer. O que se publica em francês deverá surgir ao lado do que sai em italiano, espanhol e alemão, deixando para o inglês a área anglo-americana e o que de mais válido vai aparecendo em outros países, mercê da função internacional do idioma - veículo ecuménico de comunicação.

As publicações periódicas, por onde se dispersa uma imensa e diversificada colaboração original, reveladora do que se escreve e investiga, conviria merecerem interesse particular. Será um desafio a aceitar, ao menos na preocupação de completar as já existentes, mas sobretudo importaria a indexação e sistematização pormenorizadas dos títulos e assuntos enunciados em seus sumários esquecidos e/ou ignorados.

A política das doações e aquisições de bibliotecas e arquivos de docentes e investigadores, cujos espólios os herdeiros acabam por dispersar, se não mesmo destruir, deveria ser um objectivo a perseguir com oportunidade, a fim de acautelar a incorporação desses fundos especializados, tantas vezes únicos, carreados pelo labor beneditino de uma vida inteira. Recorde-se, ainda, que a acessibilidade da obra não é respondida apenas com a consulta, mas sim, em não poucas circunstâncias, também pelo empréstimo regulamentado, favorecido até ao limite do razoável, e sobretudo com a facilidade da reprodução para estudo

demorado, sempre aliás muito pessoal, por parte de quem dela se serve.

A Biblioteca é, pois, uma **obra colectiva em construção** que apela para, e exige o concurso de tantos - realidade e serviço estimuladores de sugestões e de colaborações empenhadas e desinteressadas.

João Marques

Dizem que Estocolmo é a cidade dos museus. Podiam também dizer que é a das bibliotecas, porque as há por todo o lado: grandes ou pequenas, generalistas ou especializadas, famosas ou anónimas, bem visíveis ao longe pela sua monumentalidade exterior ou discretamente encolhidas numa zona residencial, encontramos-las no meio de jardins públicos, ao pé (ou dentro) dos museus, no centro histórico ou nas avenidas largas, dependentes de todas as instituições públicas imagináveis ou de inúmeras associações culturais e cívicas. Há muitos bairros modernos que contam com a sua pequena biblioteca comunitária, tão imprescindível à beira de casa como o supermercado, a lavandaria, a sauna e o infantário.

Apesar de tanta abundância, lembro-me de que num dos bairros da Universidade era proibido estacionar em determinado local à quarta-feira à tarde, pois esse era o dia em que semanalmente chegava a biblioteca ambulante com livros em todas as línguas para que não restasse qualquer desculpa e todos marcassem encontro com as palavras escritas.

Lembro-me ainda do aspecto amigável das bibliotecas que visitei em Estocolmo: todas elas eram espaços agradáveis, concebidos para serem úteis e, ao mesmo tempo, simpáticos e acolhedores aos visitantes. As suas portas abriam até à noite e aos fins-de-semana, e era vulgar muitas pessoas combinarem encontrar-se numa das bibliotecas da cidade para um café antes do cinema ou da cerveja de sexta à noite.

Ali, as bibliotecas são verdadeiros pontos de referência aonde se vai com agrado e naturalidade; numa cidade com muitos estrangeiros, era na biblioteca que muitos deles encontravam um espaço familiar e generoso, que folheavam

as notícias das suas terras, escritas nas suas línguas, e assim aprendiam a percorrer as ruas de uma capital desconhecida de sala de leitura em sala de leitura.

No meio de todos os livros que, tentadores e amáveis, esperavam o momento de nos ensinar sempre qualquer coisa mais, havia sempre tempo para escrever uma carta ou uma página de diário, para percorrer um jornal do dia ou, simplesmente, para descansar o corpo e o espírito por entre o silêncio sereno de páginas que se voltavam discretamente.

É assim que concebo uma biblioteca: como um espaço amplo e livre, atraente e confortável, em que o trabalho e o gosto se fundem; como um lugar onde, com uma tarde inteira pela frente, nos podemos sentir numa das melhores companhias do mundo, que é a das lombadas ao alcance de qualquer mão, com milhões de palavras como que dormindo á espera da curiosidade com que as vamos despertar cumplicemente.

Por isso, tanto como de conhecer caras novas, gosto de conhecer bibliotecas novas. Experimento sempre uma biblioteca como se experimenta uma liberdade nova: tudo começa do princípio quando aprendemos os caminhos novos por entre estantes novas, quando aprendemos a responder ao apelo de lombadas novas, quando começamos a reconhecer os mesmos rostos atentos de novos companheiros de mesa e de hábitos. E descobrir assim uma biblioteca é como ir descobrindo, aos poucos, a personalidade de um amigo novo, porque as bibliotecas, como as pessoas, também têm uma personalidade: há-as mais simpáticas do que outras, há as que escondem mais os segredos do que outras, há as que são melhor companhia do que outras.

Assim, ficar a conhecer uma nova biblioteca (e ir coleccionando, dessa forma, "bibliotecas novas") é como fazer um amigo: *e coisa mais preciosa no mundo não há*".

João Veloso

...
e
c
o
i
s
a
m
a
i
s
p
r
e
c
i
o
s
a
...

We know of the literature which was performed orally in German courts during the classical medieval period (the turn of the 12th to the 13th century) through books which, often by chance, have survived until modern times. These books are manuscripts which were produced about 100 years after the death of the poets whose poems are contained in them. For us today it is not only very difficult to reconstruct the path which leads from the oral production of the poetry in about 1200 to its written record in manuscripts in the middle of the 14th century, but also to follow the progress of those manuscripts from the time of their production until now.

Courtly German literature was - to a large degree - not read privately, but recited publicly: to all intents and purposes this was an oral culture. Like all cultures of this type, it was based on a capacity of individual memory which is much greater than our own; and it is probable that the Middle High German poems, which were part of the collective memory of the courtly audience, would have been transmitted orally for a number of years; they would probably have been part of the repertoire of the travelling minstrels, the *Spielleute*, who would have used the melodies which accompany the poems to aid their memories. We do not know exactly when these poems were written down for the first time on parchment: the poets themselves might have dictated them to a scribe, from memory, or - if they knew how to write - from small wax boards. It is possible that these pages of parchment were then later joined together, and used as a basis for the production of a manuscript. But the truth is we simply don't know with any degree of certainty how it is that the orally recited poems of the classical period were written down so many years later in a manuscript.

It may be difficult for us to understand the process whereby the poems were recorded in the manuscripts so long after the poets themselves had died; however, it is in part also difficult for us to follow the progress of the manuscripts themselves from the place of their production in the 14th century to the libraries in which are to be found today.

The production of a medieval manuscript was doubtless a costly and time-consuming affair. To be able to write on parchment a very special competence was necessary: this work was considered to be an art in itself. Certain special instruments were needed, and only an expert would have been able to use them correctly. The parchment would first have to be prepared before it could be written on: it would have to have been scraped with a razor, cleaned with a pumice stone and then polished with a goat's tooth to stop the ink from running. We think that one scribe would have been able to produce something like three folios per day. And then, of course, there are the miniatures which many manuscripts have, and these would have taken much longer to produce. This of course meant that book production was a long-drawn-out process, and therefore that medieval libraries were kept very small. Even such an important library as the one at Reichenau had, in the 12th century, only about 1.000 books: when compared to our own library in Porto, this seems ridiculously small.

The journey of the most famous manuscript which records Middle High German poetry - the Manesse manuscript - is paradigmatic of that of many medieval books. It was probably written in Zurich in the early 14th century, use being made of the library of the Zurich merchants Manesse for its production; it is a very rich document with 426 folios, 137 miniatures and some 6,000 strophic verses.

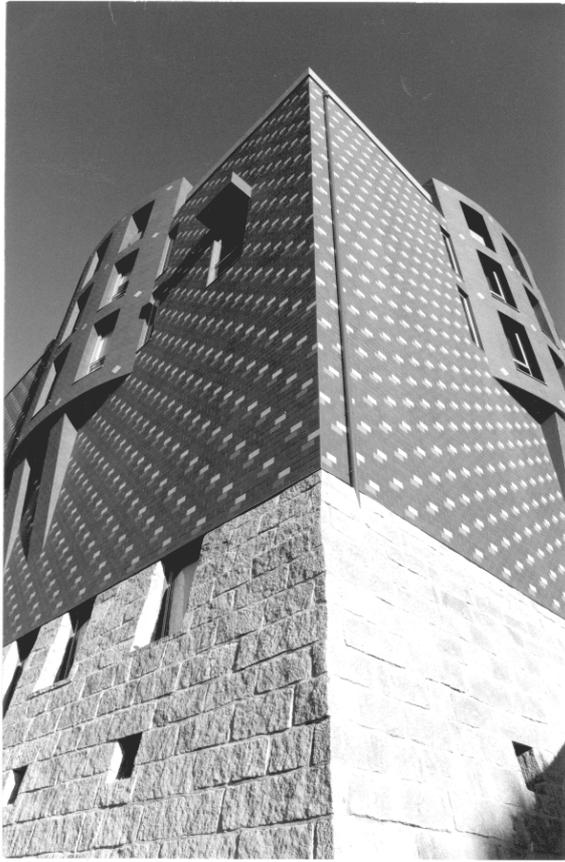
We know little of the place where the Manesse manuscript was produced. Today it is to be found in the Library of University of Heidelberg in Germany, where it arrived in 1888, after the German Kaiser had been able to bring it from the Royal Library in Paris, where it had stayed since 1657. We also know that during the Thirty Years War it had been the property of the Kurfürst Friedrich of the Palatinate. It appears that Friedrich had obtained the manuscript from the Swiss merchant Johann Philipp von Hohensax, who had in turn bought it in Flanders in 1588. Although this journey of the manuscript, which has led it from library to library, may be somewhat confusing, it is certainly much clearer than its earlier history: we know *nothing* of what had happened to the Manesse manuscript between its production in Zurich in about 1320 until its appearance Flanders in 1588.

The somewhat confusing history of the manuscript is reflected in its name: unofficially we call it the Manesse manuscript, after the owners of the library from which the poems were copied. Officially, however, it is known as *Die große Heidelberger Liederhandschrift*, as it is to be found in Heidelberg; it is registered as the *Codex Palatino 848*, since at the beginning of the 17th century it was to be found in the famous Palatinate Library: for critics of the manuscript tradition, who have established a classification by letters, this manuscript is designated as the ms. C; critics of the last century called it the Paris Manuscript (as it used to be in the Paris Library).

When we look back at Middle High German poetry and the history of its transmission through books like the Manesse manuscript, we might think that that history has now finished; and yet of course that would be wrong. It is

doubtful if the Manesse manuscript will ever leave Heidelberg University Library: why should it? But certainly it still holds some secrets. Fragments of manuscripts with Middle High German poetry are still sporadically being discovered in archives or libraries, and then we have to look again at the other manuscripts and sometimes make new critical editions of the works of poets like Walther and Wolfram, and review our old interpretations. Despite the information revolution which has so changed our libraries, they - like the books which are in them - still hold mysteries waiting to be revealed...

John Greenfield



«.. et idcirco vocatum est eius [civitatis] Babel, quia ibi confusum est labium universae terrae» (*Genesis*, 11.9). Conta aqui o *Livro do Génesis* como, depois do dilúvio, vindo os homens da parte do Oriente e encontrando a planície de Shinaar, aí se fixaram, decidindo construir uma cidade e uma torre. E assim fizeram. Mas Yahveh, vendo como os filhos de Adão haviam levado a cabo o empreendimento de forma tão concertada, decidiu dividi-los, confundindo-os confundindo as suas linguagens, «ut non audiat unusquisque vocem proximi sui».

A disparidade das linguagens é, no entanto, a fonte do saber livre e fecundo porque ousado, problema que uma outra grande tradição cultural pelas letras feita e até nós chegada — a cultura grega -- plasmou no mito de Prometeu.

Se Yahveh não houvesse confundido os homens quebrando a unidade da língua, para que serviriam as bibliotecas, com os seus livros e documentos, os catálogos, os ficheiros, as remissões, as classificações que orientam os leitores na teia dos saberes tão diversificados? Numa comunidade toda idêntica, como a das formigas, tudo estaria unanimemente previsto desde a fundura dos tempos, tudo seria norma estipulada e programada. E então, debalde o deus Teuth teria vindo oferecer a Tamos, rei dos Egípcios, essa nova arte da escrita, que haveria de ser o «remédio da memória e da sabedoria», conforme o mito que a voz de Sócrates narra no final do *Fedro* platónico (274 e - 275 c). Considerava esta voz que a desconfiança de Tamos diante da invenção de Teuth não era descabida, porque a escrita oferecia aos estudiosos mais uma «aparência de sabedoria» do que «a verdade, já que, recebendo, graças a ti [Teuth], grande quantidade de conhecimentos, sem necessidade de instrução, considerar-se-ão muito sabedores, quando são, na sua maior parte, ignorantes; são ainda de trato difícil, por terem a aparência de sábios e não o serem verdadeiramente». Com razão Fedro logo comentou assim esta parte final do discurso de Sócrates:

«Ó Sócrates, com que facilidade inventas histórias egípcias e de qualquer outro país que queiras!» (*Trad. de José Ribeiro Ferreira*).

Ora nas bibliotecas conserva-se a escrita, um dos remédios para a memória e a sabedoria, como queria o deus egípcio. Razão tinha João de Barros, ao escrever no «Prólogo» da *Década Primeira da Ásia* que as letras eram, sem dúvida, «um divino artifício», provavelmente mais «por Deus inspirado» do que por algum homem inventado. Por «este modo de elocução artificial de letras», «tão espiritual em hábito de perpetuidade, [...] no fim do mundo tão presentes serão àqueles que então forem nessas pessoas ditos e feitos, como hoje per esta custódia literal é vivo o que fizeram e disseram os primeiros que foram no princípio dele».

Se, por isso, das letras podia dizer Barros que são «conservadores de todas as obras», então poderemos nós também considerar que a biblioteca, como «custódia» dos livros, é o lugar daquela «frequência» que, ao longo da história, permitiu que o «fruto» dos «actos humanos» fosse tão «diferente do fruto natural que se produz da semente das cousas»...

Como «custódia», a biblioteca conserva e torna vivo esse «fruto» da arte dos homens que é o seu saber (ou melhor, os seus saberes), não em luras subterrâneas, mas em torre bem elevada, sem temor da ira de Yahveh, ajudando a assegurar a variedade das línguas, para que os homens não se sintam confusos na diversidade das suas linguagens, *ut liberi, quia liberales et litteris eruditi, sint*.

Jorge Alves Osório

Corria o mês de Dezembro de 1984 e, por razões de saúde, acompanhei a minha mãe a Paris. Quem conhece esta cidade sabe bem o fascínio que ela transmite aos forasteiros. Em vésperas de Natal esse fascínio transforma-se em magia. Será, por ventura, um lugar-comum, mas que importa. Quem já a viveu sabe bem a voluptuosidade que nos invade ao percorrer aquelas ruas de passeios enfeitados. E, depois, alguns rituais: a esplanada envidraçada do *Café de la Paix* em frente à Ópera, caminhar ao lado de montras faiscantes até desembocar na Place Vandôme, o *Ritz*, o faubourg Saint-Honoré...

Mas vamos à minha história. Era Dezembro e estava em Paris. Frequentava na altura o mestrado de História Medieval e, havia pouco mais de seis meses, era assistente estagiário. Decidido a conhecer a Bibliothéque Nationale dirigi-me, pela manhã, à Rua Richelieu e entrei...

Espequei no vasto átrio. Ao fundo, e por detrás de umas portas envidraçadas abria-se um pátio onde vários camiões descarregavam um esmagador "depósito legal". Meio atordoado, consegui encontrar a recepção e, sobretudo, a *receptionista* - por que será que não há mesas de leitura junto a certas recepções?..

- "Bonjour monsieur"... Já não recordo o que balbuciei, mas é certo que balbuciei qualquer coisa. A questão resolveu-se quando, num misto de timidez e de orgulho, apresentei o meu cartãozinho de docente na *Faculté des Lettres de l'Université de Porto*, - "au Portugal, vous savez?". Um sorriso deslumbrante foi acompanhado por uma não menos deslumbrante eficiência. Em menos de 15 minutos tinha um cartão especial, com fotografia, tirada ali mesmo à-

la-minute e já então a cores, e válido por três dias para a Secção de Manuscritos...

A humilhação, suprema diria, veio depois: o "monsieur le professeur", então um pouco mais ambientado, teve a desdita de perguntar pelos ficheiros, vocês sabem, aquelas caixas estreitas e compridas com cartões! Que não, que os ditos dessa secção estavam já informatizados e que teria de fazer a pesquisa nos terminais.

Claro! Ora essa! Pois então! *Parfaitement!* "Em frente ao palácio", e após algumas tentativas frustradas, e já depois de, de tanto teclar, ter entupido o sistema, ruminei uma forma de sair airoso e - em Roma sê romano - à francesa!

Dirigi-me então, directamente, ao primeiro andar e, com o flamejante cartão na lapela, penetrei na sala dos Manuscritos. Amadeirada, ampla e com largas janelas rasgadas sobre o pátio, fui aí recebido, agora por uma velha senhora. Obviamente distinta, logo compreendeu o meu drama. Também ela odiava a informática e logo me forneceu os catálogos impressos dos manuscritos portugueses ali conservados.

Fiz o pedido e, ao fim de dez minutos ali estava ele à minha frente. Quem, perguntarão? O Infante, o do inconfundível chapéu! Tinha nas minhas mãos trémulas a *Crónica da Conquista da Guiné* do Zurara, com pequenas notas a lápis, na margem, feitas pelo Visconde de Santarém!

Há momentos da nossa vida, e Bibliotecas, que nunca mais se esquecem...

Corria o mês de Outubro de 1991 e, por razões profissionais, encontrava-me em Lisboa. A luminosidade, o rio, as suas ruas e casas pombalinas continuam a encantar-me. Será, por ventura, um lugar-comum, mas que importa. Quem lá viveu sabe bem o calor que a sua alma nos transmite. E, depois, os meus rituais: a esplanada da *Brasileira*, "subir" os alfarrabistas até ao Príncipe Real, deambular no Bairro Alto...

Mas vamos à outra história. Era Outubro e estava em Lisboa. Desde Agosto de 1988 que recolhia dados para a minha dissertação de doutoramento de História Medieval. Tendo concluído as pesquisas na Torre do Tombo, chegara a altura de passar para a Biblioteca Nacional.

Chegado ao edifício do Campo Grande, e depois de convenientemente interrogado por um diligente "segurança", dirigi-me ao balcão das informações para saber como poderia obter um cartão de leitor para a secção dos Reservados. Devidamente informado, entrei para uma pequena sala já repleta de "candidatos" a leitores. Após uma hora de espera, e depois de preencher os inevitáveis e infundáveis impressos, a que se anexaram duas fotografias, tipo-passe e em artístico preto e branco, fui informado que na semana seguinte poderia levantar o almejado cartão.

Debalde expliquei que era do Porto, que me encontrava em Lisboa propositadamente para trabalhar na Biblioteca Nacional. Que não, que eram as normas. Se fosse possível um cartão provisório, uma guia, insisti... Que não, também. Pedi, então, para falar com a responsável. Que sim, mas talvez só à tarde ou no dia seguinte.

Para matar o tempo resolvi ir para os ficheiros, aqui ainda plenamente em funções. Perguntei se havia hipótese de

saber que manuscritos medievais existiam, para além do fundo de Alcobaça e dos pergaminhos. Que não, ainda... Terá que ver todos os ficheiros... Desisti.

De tarde sempre fui recebido. *Muito bem*, a Dra. ... informou-me amavelmente aquilo que eu já ouvira - "é de todo impossível dar-lhe hoje um cartão". Palavra puxa palavra, perguntou-me o tema da minha tese - "sobre nobreza medieval", respondi. Proferido, pelos vistos, o *abracadabra*, o tom mudou - "não me digaa, mas é imensamente interessante!".

Passados quinze minutos era-me entregue, em discreto envelope, o meu cartão de leitor da Biblioteca Nacional de Lisboa...

Numa bem iluminada sala do segundo piso fiquei, de imediato, mais culto. Fiquei a saber, por exemplo, que os pergaminhos se encontram ali catalogados por cores: os pretos, os azuis, os vermelhos e os roxos. Perante o meu indisfarçável espanto, fui gentilmente informado que a classificação tinha a ver com o tamanho dos ditos - pequenos, médios, grandes e muito grandes - o que, atendendo à relação cor-tamanho, me fez lembrar algo que tem a ver com a *trifuncionalidade*...

Lá fiz o pedido e, ao fim de meia hora, lá estavam eles à minha frente. Quem, perguntarão? Os pergaminhos, naturalmente! Só que estes, já não sei se roxos se pretos, deviam ser muito especiais porque, quando os colocaram em cima da mesa, disseram-me em voz sussurrante: -"cuidado que são em pergaminho"...

Há momentos da nossa vida, e Bibliotecas, que nunca mais se esquecem...

Estamos em 1996, e a Biblioteca da nova Faculdade de Letras da Universidade do Porto tem condições únicas que deverão ser devidamente aproveitadas. Gostaria de deixar aqui, nestes dois apontamentos pessoais, e que são a resposta ao convite e apelo de colaboração que amavelmente me dirigiram, por um lado o testemunho da minha gratidão para com todos os que a organizaram e, por outro, um voto para que todos contribuam também na construção de uma biblioteca que se possa recordar...

José Augusto de Sottomayor Pizarro

Biblioteca quer dizer livros, e livros quer dizer vida e consciência dela, elementar e profunda, jovial e angustiada, do sonho e do tempo. Do princípio lembro, na cadeirinha alia, os livros de pano com as papas, do género "como hoje estás tão bela, diz o lobinho à gazela". E depois o fascínio com *Le Ballon Rouge*, de Albert Lamorisse, pela beleza esfuziante da cor - a viagem no azul ou no vermelho fulgurante dos balões. Mas o primeiro livro de facto, livro para ler., atento, absorvido, é *O Livro das Crianças* de António Botto. Livro para sempre, livro que faz crescer, nele se acorda verdadeiramente para o sentido da gratidão, o valor da ternura e da bondade, a grandeza dos sacrifícios escondidos, dos actos mais puros e abnegados, o amor da mãe. Nele ficam as primeiras lágrimas que não são de berço, nele eu vou à escola para a primeira aula. No *Livro das Crianças* se fica adulto.

E aos poucos vai ganhando presença a biblioteca do avô Matias, em fileiras cerradas de lombadas belas, mas preservada dos outros. Um a um, os livros passaram-me pela mão só em partilhas, um fim triste para qualquer biblioteca que ao longo de anos alguém constrói com um carinho e uma orientação particulares. O avô era um poeta e também um bibliófilo de interesses vários mas com uma preferência especial pela arte de encadernar, tendo sido um dos poucos portugueses que sobre encadernação escreveram livros. Era natural que gostasse de possuir exemplares que honrassem essa arte. De entre os lindíssimos trabalhos que me foram aparecendo, destaco as encadernações dos livros que ele próprio escreveu, quer pela originalidade da concepção, quer pela delicadeza do pormenor. Por vezes, de entre os poetas e bibliófilos com quem se correspondia, alguém aparecia em pessoa lá por casa, como aquela poetisa que lhe veio oferecer um exemplar de *A Encadernação em Portugal* encadernado por ela mesma. E os olhos do avô brilhavam...

Mas Biblioteca quer também dizer trabalho, forçado ou não, com prazer ou desprazer, mas trabalho. Por isso é importante o lugar, o dela e o nosso nela, e o horizonte, e os cheiros, e os sons. O meu paradigma positivo é a British Library em Londres.

O Reading Room, iluminado, com aquela extraordinária disposição circular, a ilusão de céu, as confortáveis cadeiras de estofado deslizante... Em que sítio mais nos agradecem ao entregarem-nos os livros? - Thank you, sir; thank you, madam. Mas a National Library of Wales, em Aberystwyth, sobre a colina, com a cidadezinha galesa aos pés e a baía com a praia de calhaus e o mar forte, tem uma sedução diferente. Quando ouvia o grito das gaivotas e o trabalho se perturbava com o voo, o bater das asas, a sugestão de maresia, eu sonhava com o mesmo para o Porto. Esses desvios são daqueles que ajudam a andar para a frente. Por momentos rasga-se a parede para o horizonte, voa-se lá para cima para as gaivotas; depois retoma-se o ponto com choques envolventes de calor.

No Porto não era assim. O ano em que inicio a docência é o mesmo em que as *Germânicas* ocupam o edifício das Taipas. Aqui os docentes fizeram de tudo - lembro-me de como saltávamos com fragor no centro das salas grandes tentando avaliar, bem pouco cientificamente, se as ditas resistiriam ao peso dos alunos ... Com uma virtuosa noção de honra e grande espírito de sacrifício, preferíamos ser nós a sofrer o destino dos remadores dos antigos galeões indo para o fundo. Mas este docente, de entre essas muitas e variadas tarefas, acarinhava especialmente a da formação da biblioteca, a "nossa" biblioteca, para a qual fui reservando tantos volumes quanto era possível das livrarias de Lisboa, sendo outros encomendados de fora. Como sala de leitura, a biblioteca das Taipas, não sendo aberrante, tinha contudo sérias deficiências: era um espaço "fechado" e pequeno;

assemelhava-se a uma sala de aula; era impossível evitar o barulho do exterior, quer o da rua, quer o da entrada do edifício. O Instituto Inglês, lá no topo, era um lugar mais aprazível. Lá encontrávamos o Dr. Armando Morais, infelizmente desaparecido, organizando, catalogando.

Um pequeno interregno em Aveiro vê-me de novo a contribuir para a formação da biblioteca dos Estudos Ingleses daquela Universidade Nova, mas com uma diferença abissal no capítulo financeiro, uma vez que as verbas para aquisições me permitiam desfalcar as livrarias de Lisboa a um ponto que no Porto eu não podia sequer imaginar e, por outro lado, sob a minha directa responsabilidade, o que me permitia ser muito mais rápido.

De regresso a casa, porque o Porto, o próprio burgo, é o sítio em que nasci e definitivamente a minha cidade, vejo-me nas Comissões de Biblioteca, a das *Germânicas* e a geral, continuando em lutas por dotações mais vantajosas para uma secção que tinha menos do que as outras e na qual as limitações orçamentais exigiam um rigoroso controle das aquisições, sobretudo para que não fossem feitas encomendas de livros já existentes.

A união das secções no edifício do Campo Alegre vê-me menos próximo das preocupações com a biblioteca enquanto conjunto bibliográfico, uma vez acabadas as comissões respectivas e reorganizados os serviços noutros moldes. O meu trabalho nesta área limitou-se a não esquecer que o docente deve fazer sugestões de aquisição, quer baseadas no que as livrarias vão apresentando, quer no que do estrangeiro vem notícia, o que aliás estimula tanto a biblioteca como as livrarias. Por outro lado, creio ter sido o primeiro a utilizar aqui o *Inter-library Loan*. Era o tempo da Dra. Celeste Paradela, infelizmente também desaparecida, como outros mais. e causou alguma perturbação o meu pedido dos dez volumes de sermões de John Donne da edição

Potter-Simpson. Lá acabaram por vir da Sorbonne, novinhos em folha, e para lá regressaram impecáveis, como era de prever, não sem que me tivesse responsabilizado várias vezes pelos inenarráveis perigos a que os volumes ficariam sujeitos. Como sala de leitura tínhamos então e tivemos até há pouco tempo aquele pequeno espaço a que todos se habituaram, nada consentâneo com a dimensão que a Faculdade atingiu. Felizmente que os Institutos foram colmatando as exiguidades da sala-mãe, oferecendo aos alunos lugares alternativos de consulta.

Hoje estamos no novo edifício da Faculdade de Letras do Porto. Em termos de espírito, a Biblioteca confirmará certamente a abertura e eficiência que se vêm sentindo há alguns anos. Não há receios ou estranheza perante solicitações menos comuns. O Boletim Bibliográfico continua o seu bom serviço, a informatização avança em vários planos, as pessoas adaptaram-se a outras exigências, sente-se um dinamismo diferente, acontecem coisas novas. Como lugar de trabalho, a biblioteca melhorou imensamente em relação à antiga, sendo agora o espaço mais agradável de um edifício que nem sempre o é. A sua distribuição por vários pisos, várias saias, salinhas e recantos, resultou num ambiente com intimidade e conforto, a que a luminosidade e o horizonte emprestam a sensação tonificante que não se encontra nos sítios muito fechados, baixos e sombrios. Harmoniosa, atraente, panorâmica, dá vontade de lá nos refugiarmos dos grandes espaços sem espaço da nova Faculdade de Letras.

Também os Institutos são lugares bem agradáveis, se bem que aqui não se tenha ganho em espaço em relação às salas do edifício antigo, até pelas fusões a que foram obrigados. Mesmo assim, nas respectivas "torres", confundem-se com oásis, e dá vontade de fugir para lá dos soturnos gabinetes dos docentes.

À Biblioteca e aos Institutos a nova Faculdade concedeu espaços em altura, o que constitui um estímulo a visões de amplitude e infinito. A Biblioteca sobretudo, panorâmica, com o seu vasto horizonte e em ligação telúrica ao rio Douro, é um lugar com força, em que podemos estar melhor a sós connosco e com a memória colectiva, em escuta da raiz profunda e em projecto de futuro. Poderá mesmo acontecer o grito da gaivota e a sugestão de voo e de maresia que perturba o trabalho num momento para afinal o transformar em vida.

José Luís Araújo Lima

Poder usufruir dos benefícios de uma biblioteca universitária, apostada na sua modernização sistemática e aberta às crescentes potencialidades das novas tecnologias é, sem dúvida, um privilégio extraordinário, a que nem sempre se presta a devida atenção. Dispomos de uma biblioteca, que não obstante alguns condicionalismos, é susceptível de despertar bastante admiração. E se chamo a atenção para este aspecto não é para que se descanse sobre os louros, mas para que esta palavra sirva de estímulo de mais e melhor.

Penso, no entanto, que numa perspectiva de História da Cultura, entendida num sentido lato, por contraste, valerá a pena evocar as longínquas *livrarias de mão*, que tão benéficos e diuturnos serviços prestaram. De momento, deixo de lado as de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra, sobejamente conhecidas de todos, para me referir as pequenas *livrarias de mão*, que, além de terem sido de grande utilidade aos seus titulares, lhes mereceram também todo o carinho e solicitude na sua conservação e futura preservação. Dos livros, na Idade Média, pode afirmar-se, com propriedade, como vulgarmente se diz dos amigos, que são um tesouro, não só pelo seu conteúdo e raridade, mas também seu valor material e estimativo, em particular quando se trata de obras iluminadas ou mesmo quando são decoradas de forma mais modesta. Apesar dos séculos que nos separam, não será difícil imaginar quanto a posse de um códice ou livro manuscrito por quem tinha capacidade de o ler e utilizar representava de prestígio social, segurança científica e saber objectivamente acumulado.

Nestas circunstâncias, é fácil compreender a estima e a consciência do valor em que os seus possuidores tinham estas obras, aliás, com frequência, registadas nos seus testamentos, que nos permitem conhecer o destino que lhes

traçavam, às vezes, até mesmo para além do seu imediato beneficiário, como teremos ocasião de assinalar. A análise dos testamentos, dispersos em livros exclusivamente destinados a esse fim, em colecções documentais ou mesmo em documentos avulsos, conduz-nos à diversidade de posições mentais e de últimas vontades relativas aos livros, sejam eles litúrgicos, devocionários, sermonários, vidas de santos, a Bíblia, ou mesmo obras de direito civil ou canónico, de moral, de gramática ou de qualquer outra ciência.

A título de exemplo, referirei alguns casos de disposições testamentárias sobre o destino a dar aos livros próprios. Antes, porém, convém registar que, em Janeiro de 194, o cónego de Coimbra, Pedro Salvado, comprou um casal, em Marmeleira, e uma herdade, em Travaçô, por vinte e três morabitinos, pertencentes ao *Scriptorium* da sua Sé, com a condição expressa de que os frutos provenientes destes bens seriam exclusivamente dispendidos na feitura de livros para a referida Sé - «...ut omnes, fructus inde provenientes semper expendantur in libros faciendis predictae Sedis»¹.

Retomando a informação veiculada por testamentos, começamos por alguns transcritos no *Censual do Cabido da Sé do Porto*, que arquiva diversos, feitos por bispos e cónegos. Assim, o bispo D. Fernando Martins, falecido em 8 de Novembro de 1185, deixou um pequeno conjunto de livros de Direito à Sé do Porto, que parece ser toda a sua biblioteca jurídica². Anos mais tarde, em 24 de Julho de 1247,

¹ ANTT, *Sé de Coimbra*, m. 7, n.º 30. Reproduzido por COSTA. P.º. Avelino de Jesus da - *Álbum de Paleografia e Diplomática portuguesas*, 5.ª ed., Coimbra, 1990, doc. N.º 49.

² *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Nacional, 1924, p. 385:- «Mando Portugalensi ecclesiae Decreta mea et Institutiones et Authentica et Novellam sicut sunl in uno volumine ei Sumam Decretorum et Institutionum et Codices siti in alio volumine».

D. Pedro Salvadores contemplou com os seus livros de Leis e de Cânones Gil e Afonso⁵, de que nos faltam mais notas individuantes. Por sua vez, o prelado portuense, D. Julião Fernandes, não deixou livros, mas sim cinquenta morabitanos ao Tesoureiro da Sé do Porto para comprar um códice das Leis, e ao sobrinho Pedro Fernandes atribuiu outro tanto para adquirir um volume das Decretais⁶

Bem mais importantes eram a *livrarias de mão* dos bispos D. Vicente Mendes, falecido em 23 de Abril de 1334, que, além de obras de Direito, incluía também uma *Vida dos Santos* e uma *Bíblia* pequena - *manualem* - que deixou a João Soares, com a condição de que, à sua morte, ela deveria ficar para a catedral⁷. Mas, a todas estas pequenas livrarias ou parte delas sobrepuja-se a do bispo D. Vasco, que além de diversas obras de Direito e dos respectivos comentários ou glosas, incluía cinco grossos volumes de sermões, por ele doados ao Cabido da Sé do Porto, em 2 de Maio de 1301⁸. Em relação a estes cinco volumes de sermões, impõe-se registar o facto de no próprio documento da doação se proceder a uma descrição individual de cada um destes códices, especificando a estrutura dos vários cadernos, tecnicamente designados por *ternos*, *quaternos*, *quinternos*, *sexternos*, etc., mencionando sempre o número total de cadernos que compunham cada volume e identificando todos os sermões pela primeira e última palavras de cada um deles e em que pontos ou lugares dos cadernos começavam e acabavam, aspectos, entre outros, que não poderão ser olvidados por quem se preocupa com os problemas actuais da

⁵ *Censual...*, p. 390.

⁶ *Censual...*, p. 398.

⁷ *Censual...*, p. 421.

⁸ *Censual...*, pp. 472-491

codicologia, ciência que ronda apenas os quarenta anos de vida, mais ou menos sistematizada.

Embora não tenha justificado a sua opção, o referido D. Vasco, bispo do Porto, destinou no seu testamentos alguns livros de Direito às igrejas de S. Pedro de Torres Vedras e S. Tiago de Beja. Por certo, não foi no intuito de que lhes pudessem ser úteis no plano científico, mas expressamente para serem vendidos e com as quantias assim arrecadadas poderem ser comprados cálices e cruzes de ouro ou de prata, que deveriam ficar perpetuamente ao serviço destas igrejas, não podendo ser penhoradas, vendidas ou de qualquer forma alienadas⁹. Esta nota, se por um lado revela a solidariedade do prelado portuense com duas igrejas, respectivamente, das dioceses de Lisboa e de Évora, carecidas de destes objectos litúrgicos, por outro sublinha o valor das obras legadas e a sinuosidade dos itinerários seguidos por alguns códices.

Evoquei, até aqui, algumas *livrarias de mão* - ou só alguns dos seus exemplares - pertencentes a prelados e capitulares do Porto Prosseguindo na mesma linha, gostaria de registar que, em Braga, ocorreram situações semelhantes. Bastará percorrer os *Livros dos testamentos do Cabido*, actualmente conservados no Arquivo Distrital, à guarda da Universidade do Minho, para o comprovar. Aliás, quanto aos livros de Direito, já foram exaustivamente extractados por Isaías da Rosa Pereira para o seu estudo sobre *Livros de Direito na Idade Média*¹⁰. No século XV, porém, D Fernando da Guerra (1417-1467), que não hesitámos em classificar de prelado *reformador*, estendeu a sua solicitude

⁹*Censual.*, p. 484.

¹⁰ «Lusitania Sacra», Lisboa, 1ª série, VII, 1964-1966, pp.7-60; VIII, 1967-1969, pp.81-96.

pastoral à reforma da chancelaria arquiépiscopal e à biblioteca capitular, que mandou reparar profundamente, para receber na íntegra a sua *livraria de mão*, essencialmente constituída por obras de direito civil e canónico, teologia e espiritualidade:- ... *faço doaçom aa dicta minha igreja de toda minha livraria que pertençam a direito canonico e civell e a direito divino e contemplações dos sanctos fiees e que pertençam a devota contemplaçom sem falecer algum*». ¹¹ Mas a preocupação do Arcebispo em revitalizar a biblioteca da catedral chegou ao ponto de ordenar que os livros deveriam estar colocados em mesas, onde facilmente pudessem ser consultados, estabelecendo também que deveriam estar presos a elas por cadeias, a fim de impedir o seu desaparecimento. Consciente de que a cobiça dos homens poderia não respeitar estes preciosos *catenati*, obteve da Sé Apostólica uma bula de excomunhão para quem ousasse desprezar e retirar da livraria algum destes livros sem a devida autorização:- «*E mando que todos sejam postos per bancas e presos per cadeas como pertence a livraria. E defendo da parte da Se Appostollica que despois que me Deus levar que nom seja nenhum ousado levar da dicta livraria livro algum nem o despregue sob penna d'encorrer em sentença d'escomunhom appostollica segundo se contem em a letera de sua bulla que hy acharom*» ¹²

Neste momento, não obstante ultrapassar o espaço atribuído, não poderei silenciar a acção do arcebispo D. Jorge da Costa a favor da biblioteca capitular de Braga, à qual deixou não só a sua *livraria de mão*, mas também os numerosos incunábulo, adquiridos em Roma e na Itália,

¹¹ A.D.B., *Gaveta dos testamentos*, n.º. 68. Publ. Por MARQUES. José - *O testamento de D. Fernando da Guerra*, in «Bracara Augusta». Braga. tomo 33, fasc. 75-76 (87-88), Jan.-Dez. 1979, pp. 178-179.

¹² *Ibidem*.

onde se encontrava, quando, em 1486, foi eleito arcebispo de Braga. De toda essa riqueza bibliográfica temos notícia pelo inventário publicado pelo P^e Avelino de Jesus da Costa¹³. A mero título de exemplo, vejamos estes dois números do citado inventário, a começar pelo n^o 52:- «*Outro livro de letra impresa, com as armas do Arcebispo Dom Jorge no principio, que hé Terencio. E está no fim asinado hum sinal que diz: «Georgius decanus Ulixbonensis prothonotarius».* Por sua vez, sob o n^o 63, pode ler-se um registo que identifica um *Decreto* impresso, assinado pela mão do próprio Arcebispo, com a sigla do seu nome G., seguida da menção da sua dignidade episcopal: - «*Outro livro de letra impresa, com as armas no principio do Arcebispo Dom Jorge, ilustrado, que hé leis, digo que hé todo o Decreto impresso no armo de 1478 e estaa asinado de hum sinal que diz: G(eorgius) Silvensis manu propria»*¹⁴.

Mas este prelado bracarense é também um benemérito da cultura portuguesa, pois a ele devemos, conforme demonstrámos, até agora sem contestação cabal, a introdução da imprensa em Portugal, em 1488¹⁵ - excepção feita, obviamente, da imprensa judaica, que no ano anterior imprimiu o *Pentateuco* hebraico, na oficina de Samuel Gacon, em Faro -, a ele se ficando a dever também a impressão de *Sacramental*, do *Tratado de confison*, do *Breviarium Bracarense*, do *Missale Bracarense*, do *Manuale*, etc, isto é de alguns dos mais importantes incunábulo portugueses, a que não podemos referir-nos neste momento.

¹³ *A biblioteca e o tesouro da Sé de Braga*, Braga, 1985, separata de «Theologica», vol. 18.

¹⁴ MARQUES, José - *O Arcebispo D. Jorge da Costa e os primórdios da imprensa portuguesa*, in «Forum», Braga, 4, 1988, p. 18.

¹⁵ MARQUES, José - *O. c.*, pp. 1-31.

Quer isto dizer que com ele se iniciou entre nós uma transição harmónica do livro manuscrito para o livro impresso, tendo ele sido um grande impulsionador da imprensa, essencialmente, conduzido pela preocupação de aproveitar as virtualidades que ela lhe oferecia no plano pastoral e para colmatar muitas deficiências na preparação cultural de muitos membros do clero.

Até aqui referi-me à importância das *livrarias de mão*, no âmbito eclesiástico, mas estando, neste momento a atenção colectiva fixada numa biblioteca universitária, poder-se-á perguntar até que ponto e de que forma as *livrarias de mão* particulares prestaram, outrora, apoio aos estudos universitários.

A resposta implica um esclarecimento prévio, tornando-se necessário afirmar que esse apoio não foi directamente concedido ao Estudo Geral de Lisboa, mas sim aos alunos que quiseram ou puderam aproveitá-lo, pois, em princípio, segundo os dados neste momento ao nosso alcance, visava, sobretudo, estudantes pobres, a que se impunha proporcionar este apoio, dentro da consciência que se foi criando da necessidade e responsabilidade de lhes propiciar condições para a normal prossecução dos estudos, não obstante as conhecidas leis de desamortização, pela limitação de meios que provocavam, não serem favoráveis à criação de iniciativas desta natureza¹⁶.

Foi no sentido de superar tais obstáculos que o rei D. Fernando, por carta de 28 de Março de 1383, autorizou o bispo da Guarda, D. Afonso, a adquirir herdades, vinhas,

¹⁶ A parte de texto que a seguir se apresenta, reproduz literalmente um texto da minha autoria, ainda inédito, que me pareceu oportuno introduzir nesta breve nota de investigação sobre *livrarias de mão*.

casas e outros bens de raiz suficientes para a criação de um colégio para doze escolares pobres, incluindo a respectiva sustentação e a manutenção do edifício . Mais tarde, D. Mem Peres de Oliveira, deão da Sé de Évora, bacharel em Decretos, no seu testamento, conhecido pela pública-forma, de 7 de Maio de 1407, além das importâncias destinadas ao pagamento dos estudos de escolares pobres, deixou também a sua *livraria de mão*, constituída por trinta e nove volumes, para serem utilizados pelos estudantes do Estudo Geral de Lisboa¹⁸. É conhecida a importância do livro no plano dos estudos e em especial dos estudos universitários, tal como é do domínio comum quanto a produção do livro ficou a dever à universidade, na Europa, e também entre nós, embora não se tenha progredido muito nesta esfera do conhecimento. Até por isso, impõe-se realçar a doação desta *livraria* ou biblioteca particular, que podemos considerar «especializada» em Direito, dado que aí se encontravam essencialmente obras básicas, tratados e comentários específicos, como o *Codex* com as respectivas glosas, o *Digestas novus*, o *Infortiatum* (*Esforçado*), as *Decretais* de Gregório IX ou *Liber Decretalium*, o «*Seistus*» (*Sexto*), o *Decreto* de Graciano, diversos exemplares do *Liber Clementiarum*, um dos quais reunia sob a mesma encadernação, em couro vermelho, a respectiva glosa e o volume designado *Mandagoto*, as *Extravagantes de João XXII*, o tratado de Frederico de Sena *De rerum permutatione*, o *Speculum iudiciale* com os respectivos índices, etc. Quanto aos comentários, anotem-se, a título de exemplos, o de Inocêncio sobre as *Decretais*, o do Hostiensis *Super Robricis* (sic) *Decretalium*, etc, que testemunham o conhecimento do que no plano jurídico se produzia, especialmente em Bolonha, sendo mesmo frequente

¹⁷ *Chartularium Universitatis Portugalensis.*, Lisboa, I.A.C, II, 1968, p. 111.

¹⁸ *Chart.* II, pp.311-319.

a alusão ao facto de as obras estarem escritas em letra bolonhesa. Numa *livraria* como esta não poderiam faltar a *Bíblia*, o *Liber de regimine sanitatis* de Arnaldo de Vila Nova, o *De regimine principum*, o livro chamado *Imago mundi*, o *De floribus philosophorum* de Aristóteles. Acresce que estas e as outras obras desta biblioteca particular ficavam expressamente ao inteiro dispor dos estudantes pobres, aos quais deviam ser emprestadas «*por amor de Deus*»¹⁹.

Idêntica solicitude com a função social da sua *livraria de mão* manifestou o doutor Pêro ou Pedro Nunes, que a entregou à «*cidade de Lixboa certos livros de Lex pera per elles aprenderem escollares e filhos de cidadãos e parentes seus que aprender quisessem de direito*». Desta faculdade usufruiu o escolar João Fernandes, filho de João de Sintra, parente do testador, que recebeu, por empréstimo, dos vereadores do município de Lisboa, cinco desses livros, caucionados em trinta mil reais brancos, segundo o termo de fiança lavrado no paço dos tabaliães, em 28 de Janeiro de 1466²⁰. Não dispomos do inventário completo desta livraria

particular, mas pelas obras requisitadas, «*que som hũu volume (não especificado) e hũu codigo e hũu dejeesto novo e outro dejeesto velho e hũu esforçado*», verifica-se, mais uma vez, que são obras fundamentais, existentes também na biblioteca atrás referida.

Por sua vez, o doutor Diogo Afonso Manganha, por disposição testamentária, de 9 de Dezembro de 1447, destinou os seus bens e os da segunda esposa, D. Branca Anes, para a fundação de um colégio universitário «*nas*

¹⁹ *Chart.* II, pp. 317-318.

²⁰ *Chart.* VI, Lisboa, I.A.C., 1974, pp.364 -366.

nossas cassas da morada da beira de ssam Jorge en nas caaes se Reçebesem dez escolares proves de todo e quatro servidores», para o qual elaborou um minucioso regulamento, segundo o qual os seus livros deveriam ficar ao serviço dos escolares, mas presos « per cadeas dentro nas dietas cassas», pedindo expressamente ao Infante D. Pedro que não perturbasse a execução da sua última vontade²¹.

Neste momento em que a biblioteca desta comunidade universitária está decididamente voltada para o futuro, pareceu-me oportuno evocar as antigas pequenas *livrarias de mão*, aqui inventariadas, consciente de que a cultura portuguesa muito lhes deve, bem como a tantas outras, que, eventualmente, continuarão longe da curta memória dos homens.

José Marques

²¹ *Chart. V*, Lisboa, I.A.C., 1972, pp. 46-49.

"(. . .) Assim fiquei só com Fradique — que me convidou a subir aos seus quartos, e esperar Vidigal, bebendo uma «soda e limão».

Pela escada, o poeta das «Lapidarias» aludiu ao tórrido calor de Agosto. E eu que nesse instante, defronte do espelho no patamar, revistava, com um olhar furtivo, a linha da minha sobrecasaca e a frescura da minha rosa — deixei estouvadamente escapar esta coisa hedionda:

— Sim, está de escachar!

E ainda o torpe som não morrera, já uma aflição me lacerava, por esta chulice de esquina de tabacaria, assim atabalhoadamente lançada como um pingo de sebo sobre o supremo artista das «Lapidarias», o homem que conversara com Hugo à beira-mar!... Entrei no quarto atordoado, com bagas de suor na face. E debalde rebuscava desesperadamente uma outra frase sobre o calor, bem trabalhada, toda cintilante e nova! Nada! Só me acudiam sordidezes paralelas, em calão teimoso: — «é de rachar»! «está de ananases»! «derrete os untos»! ... atravessei ali uma dessas angústias atroz, grotescas, que, aos vinte anos, quando se começa a vida e a literatura, vincam a alma e jamais esquecem. (. . .)".

Eça de Queiroz, *"A Correspondência de Fradique Mendes"*

«*Gasparzinho, o Às da Sorte, foi parar ao Polo Norte!*». Tanto quanto me lembro foi assim, numa manhã de 25 de Dezembro, em cima dum sapato deixado sobre um fôgão de lenha, que o Pai Natal me entregou o 1º livro da minha vida, acompanhado duma caixa de lápis de cor Viarco e dum 'aguça', nesses já distantes anos da década de 50, tempos da Guerra da Coreia e da gente pequena que, pela magia da infância, era

incapaz de ver que o negócio tinha sido consumado aos balcões do "Bazar dos Três Vinténs" da Rua de Cedofeita!

Primeiro livro, primeiro amor. Aquilo era uma vaga história para colorir, que metia ursos das neves árticas, 'igloos', pinguins e peixes que saíam de buracos no gelo, esquimós com casacos de peles fofas e felpudas, que hoje seriam 'politicamente incorrectos' e desencadeariam a fúria de organizações ecologistas. Mas que sabia eu disso, então, num Portugal pacato, rural, mesmo numa cidade como o Porto, onde as luzes municipais eram acesas 'à mão' por um pobre diabo que, ao cair das tardes, chave em punho, ia ligando interruptores que vagamente emitiam uma claridade mortiça, sob um 'abat-jour' de esmalte, não escondendo a ferrugem e incúria da passagem de imemoriais solstícios e equinócios.

Que pena não ter já esse livro, embora confesse que a maior animação foi aguçar até à exaustão os lápis Viarco, actividade de nível metafísico incomensuravelmente superior ao tédio de pintar os peixes, os pinguins e o mais que para lá existia

Desde então, a verdade é que os meus dias estão sempre próximos de livros!

Livro de '*Leituras*', da 3ª ou 4ª Classe, com desenhos pálidos e moralistas, fábulas, "*O Corvo e a Raposa*", "*O Milagre das Rosas*", "*O Alfageme de Santarém*", "*Egas Moniz com corda ao pescoço*", mais mulher e filhos que pareciam saídos dum orfanato dirigido por um descendente do Scrugges de Dickens, a Pátria do 'Minho a Timor', os Missionários comidos por antropófagos ateus, livros de 'História' com dinastias inteiras a decorar, reis e cognomes, D. Sancho, o Gordo, D. Manuel, o Venturoso, D. João II, o Príncipe Perfeito, a Inclita Geração! Ou ainda os malditos '*Livros de Exercícios*' de Matemática, o '*Palma Fernandes*', capas cor-de-rosa, soluções no fim, sempre obstinadamente diferentes da conclusão a que chegávamos após safar, raspar, multiplicar, prova dos nove, coisas sinistras,

tanques com torneiras que debitavam 50 litros/hora e tinham de se reduzir a hectolitros.

Montões de coisas úteis, tanto elas contribuíram para a minha felicidade que até me vêm as lágrimas aos olhos! Como, por exemplo, orientar 'modelos de cristais', espécie de cruzetas de madeira, nomes terríveis, sistema monoclinico, triclinico, ortorrômbico.

Que me interessa a mim o sistema ortorrômbico? ! E a sexualidade das plantas, a única sexualidade dos Liceus do tempo modorrento de Américo Tomás e Salazar, os estames e as corolas, os cotilédones dos feijões e das favas, as infrutescências e inflorescências, as raízes aprumadas ou fasciculadas? !

Então, 'livros bons' eram as colecções do "*Condor Popular*", onde pontificavam os músculos de Luís Euripo, o pugilista português, o "*Cavaleiro Andante*" com o Príncipe Valente e mais a sua espada purificadora, o Flash Gordon e o Doutor Zarkov, ou as peripécias do '*Marca Amarela*' e de Mortimore na Atlântida, nas vésperas da submersão nas águas onde, quiçá, espreitava no Nautilus o olhar alucinado do Capitão Nemo das "*Vinte Mil Léguas Submarinas*". ..

Ah! E os «livros só-de-ler», sem figuras! A gente a sonhar, a inventar ventos, climas, amantes implacáveis, venenos, feras esfomeadas, o som e a fúria dos tufões das Caraíbas, o enorme facalhão de Sandokan, o Tigre da Malásia, os execráveis Governadores corruptos ao serviço das Espanhas e das Inglaterras, os amores eternos e fatais.

Como quem não quer a coisa, 'ia-os' juntando, primeiro numa pilha, depois numa estante, sem saber que, como um 'zombie', estava a construir uma Biblioteca. Quem me dera regressar a essas horas apontadas ao prazer de começar certos livros, sentir o mundo apagar-se. Vir a correr da Escola, meter-me no quarto que ficava do tamanho do Universo inteiro, até à chegada, aos gritos, da Mãe e Tia:

— Apaga a luz, que é tarde! Amanhã é que vão ser elas!

O destino fez-me professor. De Filosofia. Tenho quase 50 anos e os livros cercam-me por toda a parte, falam-me, quase os sinto murmurar;

— A mim não me vais ler! Cabrão! Traidor! Para que me compraste!

— Se não me querias, por que não me deixaste em paz?

Tantas memórias, tantos livros me passam pela vida. *'Livros de Sumários'*, marcando o ritmo pendular do ano lectivo. *'Livros de cheques'*, as malditas contas, o supermercado, as rendas, os médicos, os picheleiros, electricistas que sempre dizem:

— Isto está *'p'rá qui'* um sarilho!

— É que é mesmo um bico-de-obra!

Eu, crucificado no purgatório das obras, resmungo:

— Está visto! Vais-me tirar a pele, e depois, não satisfeito, talvez esperes reparar o tutano de um ou outro osso mais à mão!

Tantos livros, tantos. Livros de Cavalaria que levaram a loucura de Quixote a correr a secura de Espanha, livros que acenderam fogueiras, como os de Giordano Bruno, livros que enlouquecem multidões, as Bíblias, os Coroes, os *'livros-vermelhos'* dos Guardas do Camarada Mao, da *'Grande Revolução Cultural'* e do *'Grande Salto em Frente'*! Livros queimados em hecatombes de estupidez, arrogância iluminada nas noites germânicas dos anos 30, livros que levam a sentença de morte como os *"Versículos Satânicos"*, livros escritos nas masmorras da Bastilha, como os de Sade. Livros que escorriam pelas mãos brancas de tédio de Madame Bovary, livros intermináveis como as *"Memórias de um Átomo"*, do tão querido João da Ega dos *"Maiores"*, livros com névoa, como no castelo do *"Deserto dos Tártaros"* de Dino Buzatti, livros terríveis como aqueles que pretendem explicar como se programa um video-gravador com 4 semanas de antecedência.

E as colecções de livros? Os livros comprados 'a metro' para efeitos decorativos? E ter de arrumar os livros? E limpar o pó aos livros? E saber onde está um dado livro? E emprestar livros? E encapar livros? E, em segredo e com vergonha, vender livros? !

E saber, como no "*Fahreneit 451*" do Bradbury que é possível um mundo horroroso, onde todos os livros desapareceram? E as descobertas dentro de livros, uma carta perdida, um bilhete de eléctrico de 8 tostões que ficou para ali, a servir de marca? E encontrar uma dedicatória num livro em 2ª mão, dum amor que foi o maior do mundo, com nomes que não nos dizem nada, hoje velhos, mortos?

E o que pesam os livros, quando se tem de fazer mudanças? E as promessas de que se vão oferecer os livros que jamais abriremos outra vez, para arranjar espaço para meter mais livros?

E encontrar '*algo*' que é mais próximo de nós que a vizinha do lado e que tanto pode ser o Ulisses da '*Odisseia*', o '*Zadig*' de Voltaire, o Salviati de Galileu, a perfeição das horas brancas na Évora da "*Aparição*", a bondade filantropa de Gog de G. Papini, as flores argelinas das colinas de Tipasa que vão dar ao Mediterrâneo, nas "*Noces*" de Camus, o bulício da Alexandria de Lawrence Durrell, o amor louco da "*Espuma dos Dias*" de Bons Vian, os aromas da Arrábida de Sebastião da Gama, as nortadas, anémonas e lubrinas de Luísa DaCosta, a indizível inquietação duma adolescente que encontrou "*Um certo Sorriso*" da Françoise Sagan, ou a imensa paz do "*Sidharta*" de Herman Hesse.

Tantos livros, tantas vidas! Tudo isto uma Biblioteca guarda para nós, para os vindouros. Biblioteca de Alexandria três vezes queimada, por acidente no tempo de Cleópatra, por estupidez no tempo de Hipatia, a bibliotecária-astrónoma, delapidada pela população em fúria contra o saber 'pagão' e

finalmente derrubada pelo vendaval rubro dos estandartes do islão.

Biblioteca mítica de Jorge Luís Borges, biblioteca que escondia o texto perdido da *"Poética"* de Aristóteles, elogio da comédia e do riso, no *"Nome da Rosa"* de Umberto Eco, biblioteca onde se desvenda, finalmente, o criminoso nos romances de Agatha Christie!

Estranha é a nossa vida que, tudo passado, se reduz a duas páginas num Livro, a 'Folhas Tantas', frente ou verso, perdidas nas prateleiras duma Conservatória de Registo Civil, até que mais ninguém se lembre de nós, nem na data do nascimento, nem na data da morte, como tão perfeitamente, também num livro, o profetizou o grande Álvaro de Campos.

Levi António Duarte Malho

A BIBLIOTECA, considerada em geral e do ponto de vista da sua funcionalidade externa, aparece-me, na sua essência nuclear, como uma instituição-factor de conexões constituintes do presente-futuro com o passado, efectuadas por um sujeito outro que ela, através de um dado tipo de testemunhos, e entendido o "passado" no seu sentido mais lato, que compreende mesmo o muito próximo.

Reportada a este campo operativo e encarada na perspectiva do sujeito construtor de presente-futuro (que é cada um de nós no seu viver quotidiano), são obviamente variados os serviços que ELA oferece. De entre estes destaco aqui, como sua função externa essencial, a oferta adequada de meios para a criação original, ampla, complexa e reflectida de conexões constituintes do género acima apontado, porque, se em outros "serviços" de resposta pontual, ELA pode ser substituída por agentes de oferta bem limitada, este só pode ser efectuado por uma instituição que seja guardiã ordenada e dispenseira diligente de um vasto acervo de testemunhos do passado. Isto é, a BIBLIOTECA materializada pelas Bibliotecas, operando cada uma por si e pelas suas ligações em rede com outras, qualquer que seja a natureza do "suporte" dos seus patrimónios e das comunicações que entre si estabeleçam.

Esta oferta, abundante e diligente, não é somente um factor instrumental para a criação daquele género de conexões constituintes com o passado: ela é também, só por si, um poderoso estímulo para esta criação. E não se pense que tal tarefa criadora é exclusiva de historiadores: o criador cultural de qualquer outro domínio Íntegra a sua produção no passado, ainda que em diálogo nem sempre pacífico com este. E frequentemente busca reflectida e ordenadamente conexões múltiplas e complexas com ele.

Para que esta BIBLIOTECA se concretize através das Bibliotecas, elas terão de:

- a) tender à maior riqueza possível na sua oferta;
- b) pôr a máxima clareza e simplicidade na manifestação das suas potencialidades;
- c) agilizar a disponibilização dos seus meios, tendo como limite ideal a anulação de "resistências" operativas no processo criativo;
- d) renunciar a interferências directivas neste processo;
- e) oferecer apoio técnico - instrumental e humano - na exploração das suas disponibilidades;
- f) ser acolhedora, proporcionando ambiente adequado nomeadamente para a concepção de planos de actuação imediate e para a avaliação, igualmente imediate, do que vai oferecendo,
- g) ser guardiã zelosa da integridade do seu património.

E. numa nota de subjectividade, recordo uma experiência pessoal, do início dos anos sessenta, relativamente a uma Biblioteca concreta, que nas ondas da "sociedade espectáculo" já perdeu o seu nome, por outro supostamente mais sonante. Refiro-me à ex-Bibliothèque Nationale de Paris (hoje Bibliothèque de France), em vias também de perder as suas salas de leitura majestosas (embora nem sempre suficientemente cómodas e tranquilas), pelas de um novo edifício, que se espera mais adequado às necessidades do presente.

Dessa minha experiência sublinho aqui a eficácia dos serviços de apoio técnico ao leitor daquela Biblioteca, na sua Sala de Catálogos, a dedicação e eficiência da maioria dos funcionários desses serviços e, nomeadamente, a minha vivência forte de - através desses serviços, do sistema complexo e fragmentado dos seus catálogos e ficheiros de então e das disponibilidades largas do seu património - experimentar um sentimento de passar de um mundo fechado a um universo infinito (apesar de os horizontes do meu

"mundo" anterior, neste domínio, não serem então já excessivamente limitados).

Que cada vez mais seja esta, a vivência dos leitores da nossa Biblioteca.

Lourenço Heitor Chaves de Almeida

Para mim a biblioteca define um espaço em cujos livros encontramos resposta para muitas dúvidas. No ambiente de leitura frutifica a meditação e irrompe a avidez de saber mais por causa de todo um mundo de questões então descobertas. Por vezes, ao ler, passamos páginas e páginas sobre o dia a dia do nosso tempo ou de outras épocas, sobre o pensamento de homens que não estão presentes. O que está escrito fornece experiências a contrapor a situações existenciais conhecidas ou que nos vão aparecer. Ocasões boas surgem quando deparamos com finas observações sobre a maneira de ser e os aspectos omnímodos da reflexão e proceder da natureza humana nos seus claros e escuros, nas suas facetas de opacidade. Pequenas frases encerram toda uma filosofia. Observações há capazes de ajudarem a estabelecer o fio de uma meada de pensamento ou susceptíveis de explicar uma cadeia de acontecimentos. Vivências únicas prendem-nos ao real, enquanto outras conduzem a investigações interrogativas sobre a pessoa e o transcendente.

Da biblioteca, fica-nos também a lembrança dos seus tesouros, normalmente relevantes nas antigas universidades. Espantam as criações do homem em matéria de artes gráficas. E que dizer da arte de decorar os textos praticada desde há séculos para assumir formas bem diferentes no nosso tempo?

A biblioteca recorda-me as antigas livrarias particulares e conventuais, sobretudo do século XVIII, campo habitual do meu labor. Nessa época, além de se instituir a Biblioteca de Lisboa, desenvolveu-se, por exemplo, nos mosteiros um esforço de catalogação, defesa e acomodação dos livros, tantos deles símbolos da nossa cultura e ainda do cosmopolitismo das "luzes", do seu espírito crítico e metódico. Ora, é justamente então que, pela primeira vez, se estrutura a disposição dos livros, tendo como base o "método científico" e uma árvore do saber, que nos

lembra a *Enciclopédia*, de Diderot. Este facto ocorreu no mosteiro de Tibães, casa mãe dos beneditinos portugueses. Olhando esse tempo, damo-nos conta do caminho percorrido em termos de biblioteconomia. Paralelamente, e comparando com a biblioteca que temos, regozijamo-nos frente à inovação e à capacidade organizativa que servem as instituições de agora, quando se experimentam processos de ponta e não desaparecem as dúvidas apanágio dos bons espíritos. Além disso, ontem como hoje, fundamental se torna que se desenvolva o gosto pela leitura e o amor pelos livros.

A este propósito, úteis são amiúde as conversas entre o leitor e o bibliotecário sobre livros desconhecidos, sobre obras que afinal existem nas estantes, sobre aquisições a fazer, sobre o que é urgente catalogar, sobre o uso das novas tecnologias, sobre as dificuldades de um labor em comum para quem oriundo de profissões diferentes, percorrer, lado a lado, vias análogas, ora reflectindo, ora trocando ideias, sempre com o objectivo de valorizar a biblioteca. Nos seus espaços, agora variados na casa de que fruímos, testam-se técnicas, metodologias e saberes, a mente funciona, gera-se o diálogo a partir dos textos compulsados, do aviso do bibliotecário, ou, em intervalo, da conversa com algum leitor amigo.

Luís António de Oliveira Ramos

Talvez haja memória sem inteligência, mas decerto que o contrário é impossível e a inteligência pressupõe estruturação do saber que, por sua vez, requer decisivamente memória. Uma memória quantitativa e, sobretudo, qualitativa das ideias e dos sentimentos da Humanidade, indispensável propedêutica para que a vida humana não caia na tacanha suficiência dos que apoucam e desdenham a Cultura, não se apercebendo que são individualmente pobres e concorrem para o empobrecimento colectivo. A verdadeira Cultura é feita de memória e esta enriquece-se pela leitura que, sendo pesquisa desinteressada da verdade, forma e estimula o espírito impedindo que tomemos a nuvem por Juno, facultando-nos uma permanente atitude intelectual de largueza de horizontes e também de dimensão crítica que caracteriza o indivíduo culto, situando-o para além da rotina, do imediato.

Na realidade não se alcança a verdadeira Cultura se nos confinarmos aos dados do quotidiano, manifestamente abaixo, por vezes muito abaixo daquele nível intelectual que poderemos designar por sabedoria e que se nutre de um saber em profundidade, fruto da experiência vivida mas igualmente do conhecimento que os livros, que na acertada perspectiva do Pe. António Vieira são "(...) uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos (...)" (Cfr. 'Sermões', tomo IV), livros com os quais confrontamos as nossas opiniões a fim de tornar o mais plenamente inteligível a condição e situação humanas.

Neste sentido se compreenderá a iniludível importância das bibliotecas, autênticas memórias da aventura da Humanidade, que nos contemplam, convidando-nos à reflexão em profundidade para uma vida espiritualmente superior. Ambientes simples e solitários, cujo clima propicia a plena aliança entre cultura e concentração, caminho que

conduz à via ascensional do que Montaigne designou por 'teste bien faicte' ou, o que é o mesmo, ao claro e meridiano saber, tarefa sem fim em busca da natureza das coisas. Daí a função criadora da Biblioteca, promovendo o gosto da pesquisa ampla que garante ao estudioso o acesso ao mundo da cultura em prol da dignificação humana.

Frequentar a biblioteca faculta uma concepção humanista do mundo e da vida, alicerça o saber sob o ângulo da universalidade e promove uma maturidade cultural e humana para melhor interpretarmos a existência e por esta razão não pode aceitar-se que o estudante se confine ao apontamento da aula, mormente no caso do universitário a quem se há-de louvar não só o saber exaustivo desta ou daquela minudência, mas acima de tudo, uma dilatada visão de conjunto que ultrapasse a excessiva preocupação utilitária do sucesso nas provas. Importa que o universitário não caia na barbárie da especialização que, quase sempre, bloqueia os horizontes da Cultura, sem a qual ficará diminuído como ser humano.

É a este propósito que se nos afigura como incontestável o papel insubstituível da Biblioteca na construção da perfectibilidade humana. Tanto mais humano, quanto mais culto, poderia ser a divisa de cada biblioteca. Importa que, para lá do ruído e precipitação da vida contemporânea, o universitário ou simplesmente cada indivíduo encontre a tranquilidade de um espaço que possibilite a seriedade do estudo ao ritmo do folhear dos livros onde a Cultura jamais estará rarefeita, justamente porque neles há sempre algo de novo, abrindo novas perspectivas, não raro uma nova interpretação da vida - vida que sem cultura, como Ortega y Gasset escreveu, não passa de tragédia sem sentido.

A um tempo, os livros são os grandes veículos da Cultura e as bibliotecas não são nunca selvas de livros, mas

sim recintos hospitalares onde cada um pode e deve ir buscar os argumentos humanos para o confronto da violência misteriosa do destino.

Luis de Araújo

Sempre tive heróis. Nem sempre os mesmos, que a vergonha (e ela só) não me deixa continuar um incondicional do major de aviação Jaime Eduardo de Cook e Alvega. A rapidez com que os meus ídolos da bola trocam a camisola azul e branca por outras de desvairadas cores desaconselhou-me de buscar heróis para os lados das Antas. Mais velho, mais cínico e supostamente mais sábio nas coisas da vida, dei em baixar a fasquia da exigência para colocar alguém nos meus altares; e mudei de critérios. Hoje os meus heróis são gente igual a mim, com os mesmos defeitos e as mesmas (presumidas) virtudes. Se quiserem, com alguns defeitos a menos e umas poucas virtudes a mais. Dito de um terceiro modo, gente como eu - mas com piada.

Um dos maiores desapareceu há pouco. Chamava-se Fernando Assis Pacheco, vimo-nos uma única vez, mas quando li no jornal que ele se apagara tranquilamente, ao sair de uma livraria, bem disposto, depois de ter comprado um montão de livros, foi como se perdesse um familiar chegado ou um dos mais queridos amigos.

Como muitos da minha geração ou mais velhos, conheci o Assis Pacheco num memorável concurso da TV, "A Visita da Cornélia". Era o tempo em que um programa podia ser campeão de audiências e divertir, tendo ao mesmo tempo qualidade e nível cultural - ainda não havia Teresas Guilhermes, Joões Baiões, Emídeos Rangeis e, parafraseando Eugénio de Andrade (que falava de generais), "outras coisas assim para estrumar os campos". O Assis Pacheco enchia o écran de imaginação, de humor, de ternura. Foi por isso com indisfarçado orgulho que aceitei o convite do meu amigo António Campos para 'produzir' um livro de poesias do Assis. O António Campos era conhecido, entre outras coisas, por estar ligado a um mítico e saudoso restaurante de

Matosinhos, a *Farmácia Campos*, e por dirigir, com ideias geniais e nenhuma competência, a curiosíssima cooperativa 'cultural' chamada "Erva Daninha". Aí nos conhecemos, e aí lhe terá chegado ao conhecimento que eu tinha alguma mão para essas coisas de maquetar textos. Pura verdade. Dera os meus primeiros passos a desenhar programas associativos, sob o olhar conhecedor e exigente do Jorge Fiel, e podia exibir no meu *port-folio* alguns números de boa qualidade do nosso boletim da Associação, o "Pontos nos ii's". Então disse ao Campos o que era para fazer. O Assis Pacheco, explicou-me ele, escrevia umas poesiasitas. Coisa pouca, edição do autor, 50 de cada, para mandar aos amigos, no Natal, sabes como é... Eu ofereci-me para juntar três ou quatro desses folhetos e fazer uma edição mais digna, aqui pela "Erva Daninha", tu fazias a maquetagem, tens jeito...

Tinha jeito, fiz a maquetagem, saiu um livro muito bonito. Os méritos, há que dizê-lo, cabem no essencial ao autor, um dos meus poetas de culto, e ao Campos, que seleccionou as capas cinza e o bonito papel beije do interior numa época em que as escolhas gráficas eram reduzidas. Este vosso criado limitou-se a bater os poemas e os títulos, a dispô-los o melhor que soube pelo papel, a paginar, a rever as provas - enfim, quase todas.

Um dia soube que o Assis Pacheco vinha ao Porto, em trabalho, e queria conhecer-me. Pesquei-o em Campanhã e levei-o ao Hotel Paris, na Rua da Fábrica, massacrou a cabeça ao dono - queria ficar "no quarto do piano", não sabia mais nada, mas na redacção d'"O Jornal" todos lhe recomendaram aquele quarto. Garantida a reivindicação, quis beber. Qualquer coisa, de um espumoso fresco a um uísque, tanto se lhe dava. "Temos sede", bradava! Já de copo na mão, enfronhou-se com o recepcionista do Hotel Paris num

tema que o apaixonava: a colónia galega em Portugal, quem eram, quantos sobravam, onde paravam no Porto. Chegámos por fim ao seu livro. Adorara, nunca tivera um livro *assim, daqueles, livro mesmo*. Dois reparos, não lhos levasse eu a mal: o primeiro, é que não tinha nome na lombada. E os amigos gozavam: um livro sem nome na lombada nem é bem livro, os gajos do Porto levaram-te. Que nada, protestei eu, o livro é fininho, 5 mm, a lombada impressa ficava ridícula, é mais bonito assim. A segunda reclamação colhia: não pude ver a paginação final, pelo que não reparei que a tipografia colocara erradamente na página da esquerda, deixando a da direita em branco, o título de um dos opúsculos que a colectânea reunia: "Cinco poemas postos no correio para o Arauto de Osselôa onde afinal não se fala apenas da morte, esse mau passo" (3 977). Balbuciei umas desculpas tontas, já o Assis Pacheco, às gargalhadas, rabiscava, num dos 500 exemplares da 'industrial' tiragem, uma rápida dedicatória ("Para o Luís Miguel do "Dominguín" F. Assis Pacheco/Porto, I8.XII.80") e me sondava, inquieto: "Ainda fazem aquele soberbo arroz de bacalhau, no Vitorino?". "Fazem pois! Vamos jantar!"

Já não fazem esse arroz de bacalhau, já não há o Vitorino, também para quê?, se já não está por aí o Assis Pacheco para o apreciar? Se já não está o homem que escreveu: "essa noite é que o miúdo pensava na brevidade de tudo isto", a quem posso eu contar que não há noite, nem dia, em que este 'miúdo' não pense na brevidade de tudo isto? Ficou a amargura de milhares de conversas que queria ter tido com ele e não tive, o seu riso, a sua profundíssima tristeza, ficou-me o livro que maquetei, o *meu* livro: "Memórias do Contencioso e outros poemas" (Porto, Erva Daninha. 1980). E um ou outro verso que cito de cor. Como

este: "...que isto ao menos levo : copos, e esses amigos
amargos desfeitos na barra: achas que salvo algum?"

Luís Miguel Duarte

Vivemos um quotidiano em permanente mudança, que se sucede a um ritmo tão frenético que os sentidos mal podem apreender. Mas também nos vamos habituando a assistir à mudança e a aceitá-la como inevitável, mesmo quando não nos parece de todo possível incorporar nesse quotidiano todos os processos inovadores que o potenciam. Torna-se também evidente que, afinal, ignoramos nesse quotidiano tanto da novidade nele contida, grande e pequena novidade, importante quanto baste para provocar a mudança, aquela que permite distinguir a nossa geração de outras que a antecederam ou lhe sucederão.

Por isso, habituar-nos-emos a uma biblioteca nova que depressa constituirá somente mais um outro elemento do quotidiano académico, cuja existência será sobretudo notada em dias em que se encontre encerrada ou quando algo não funcione de acordo com os padrões habituais, da mesma maneira que incomoda quando abrimos a torneira e a água teima em não correr ou quando esforçadamente manipulamos o interruptor e a lâmpada permanece apagada.

Ora entre as muitas forças que animam a onda de mudança que tem varrido as nossas existências, destaca-se como elemento de primeira grandeza o computador — e a informática em geral — aquele que poderia ser responsável no actual estado civilizacional pela libertação do Homem para o lazer, de acordo com algumas opiniões. Mas, para além de elemento de mudança, o computador transformou-se em materializador do sonho, um sonho — ou uma utopia — que tantas vezes fica aquém da realidade quando transformado em imagens ou, inclusivamente, em sensações. A mera existência do computador tem permitido pensar a "extinção" do livro à medida que avança toda a panóplia de soluções *multi-media*, transferindo agora para um obscuro "nó" de uma rede informática, sediado numa sala asséptica e impessoal, as mais recentes sacralizações da informação e do

saber, como aconteceria antes a lugares terrenos como Alexandria.

Daí parecer tão problemático, ou poder mesmo não fazer sentido, como tantas incertezas que se projectam no futuro, tentar antecipar a biblioteca a edificar, ainda que a necessidade de criação de estruturas materiais e procedimentais — organizar — pareça constituir o principal desafio. Mas mais do que a biblioteca futura importaria enquadrar a forma como as gerações futuras se ligarão a essas bibliotecas e como poderão reagir às tradicionais, enquanto os mais jovens adquirem e consolidam importantes componentes da sociabilidade através de meios audiovisuais, que promovem o virtual em detrimento do real. Em que medida será necessário mudar a biblioteca para que continue a responder às solicitações da globalização, derrubando, no fundamental, a imagem do leitor «isolado» mergulhado nos livros?

Tudo mudará tão depressa que o livro — o real sólido — dará inevitavelmente lugar ao virtual em suporte informático — o real volátil — e assim se caminhará inevitavelmente para a «museificação» do livro em detrimento de uma nova crença, aquela que resultará do acreditar que a informação existe fisicamente em suporte informático, mesmo que a dimensão humana o não possa reconhecer, mesmo que seja de todo impossível apreender essa informação de forma directa pelos sentidos.

A civilização da informação que desponta e que se enraíza a uma escala global, pode ou não ser estimulante, mas por constituir em si mesma um desafio ao desconhecido e à vertigem do acesso à informação criará inevitavelmente novos medos sobretudo aqueles que dela se autoexcluem. Mas se a informação é hoje vital e estratégica para qualquer comunidade, onde se inclui, por maioria de razão, a académica, a dimensão humana tem-se mostrado, felizmente,

inultrapassável. Se o acesso à quantidade de informação tem cultivado o superficial e potenciado a vertigem da não reflexão, a dimensão humana do livro convida à ponderação, à introspecção, ao lento precipitado do conhecimento que o tempo alimenta, num ritmo e numa dimensão sensitiva onde o homem se continua a inscrever e que, definitivamente, o espartilha.

Por tudo isto, ainda que a biblioteca passe a estar ligada ao global em tempo real, ainda que as ondas de informação sejam uma das bases da sobrevivência académica, apesar de tudo o mais, nada poderá ultrapassar a solenidade de tocar e de abrir, a emoção do folhear e a recompensa da leitura do livro.

Luís Paulo Saldanha Martins

Os meus avós maternos moram na Covilhã, cidade peculiar, com uma capacidade singular de auto-destruição: as Câmaras Municipais, sufragadas pelo povo, deram cabo da bonita cidade de interior - do centro ao mais recôndito arrabalde, tudo tem sido ferozmente "modernizado". Hoje em dia, com os cerca de 30.000 habitantes que mantém há muitos anos (dados provavelmente inflacionados pelas gentes locais), até já tem 2 hipermercados!

Nascido em Lisboa e, desde cedo a morar no Porto, a Covilhã era para mim o local de férias por excelência (acima de tudo, o mais barato): cidade pequena e parada, tinha como vantagem a serra, à qual não podia ir sempre. A piscina, muito má, era das poucas alternativas. Como tantas outras cidades de interior, a cultura não era o seu forte: com um Cine-Teatro constantemente fechado (que correu riscos de ir parar às mãos da IURD) e até há bem pouco tempo um único cinema, sobrava, espantem-se os pacientes leitores, uma BIBLIOTECA! Claro que, se não fosse Calouste Gulbenkian, a Biblioteca Municipal da Covilhã talvez fosse uma arrecadação do Sporting Clube local. Não sendo eu um fanático dos livros (peço desde já desculpa ao leitor eventualmente mais iluminado do que eu pela minha humilde existência), gosto de ler umas coisitas: nada melhor do que me socorrer da dita Biblioteca.

O meu mundo era a secção infantil, salinha agradável com cheiro a creche e livros sempre com muitas figurinhas a cores. Só podia ler os "verdes" que ocupavam 8 prateleiras da Biblioteca. Até aos 12 anos, contentei-me com os livros que tinha em casa da minha avó ou, da Biblioteca, as "Anitas", os "Cinco", os livros da Alice Vieira e pouco mais. Mesmo ao lado, os "castanhos" (romances) não me despeitavam ainda grande interesse.

Com os meus 12-13 anos, começa a despertar em mim o interesse por coisas novas: a secção castanha já me

piscava o olho, mais pelo proibido do que pelos temas em si. Comecei a querer ler mais alguma coisa do que aquilo que me era permitido: estava na moda o Adrian Mole, que ensinava umas coisas que convinha saber para não fazer má figura, comecei a gostar das ideias da Mafalda. Heresia. Como é evidente, nesta idade, não se pode ensinar aquilo que os miúdos não devem saber. Sexualidade? Problemas Sociais? Política? Não! Contenta-te com os "Cinco", lê mais qualquer coisa quando fores mais velho.

Todas as outras secções da Biblioteca só estavam acessíveis a maiores de 16 anos, e nelas se encontravam, entre outros, o "Astérix".

A idade para o Adrian Mole estava a passar e a Biblioteca (onde eu ia cada vez menos) mantinha a sua proibição. Chegado aos 14 anos, zanguiei-me com a Biblioteca e escrevi para o "Jornal do Fundão" a explicar estas proibições. A notícia foi publicada com grandes honras (ou não fosse o director do jornal um velho amigo do meu avô) e eu convenci-me de que ia mudar o mundo.

Desde esse dia penso que não cheguei a ir lá meia dúzia de vezes. A última vez que lá fui, há dois anos (tinha eu 18), mantinha-se a mesma proibição. Aliás, tudo se mantinha.

A esmagadora maioria dos 30.000 habitantes da Covilhã e outros tantos nas localidades mais próximas, não têm outra possibilidade para ler senão recorrendo à Biblioteca Municipal Calouste Gulbenkian da Covilhã.

Basta um pequeno e mesquinho artigo de um qualquer regulamento de Biblioteca para comprometer seriamente o desenvolvimento cultural de uma região. Será que num país de ileterados, com taxas de frequência do Ensino Secundário e Superior inferior às da Turquia, há muitas Covilhãs? Só espero que não.

Manuel Alçada

A investigação força-nos muitas vezes à descoberta de e ao contacto com realidades que até determinado momento nos podem ter passado despercebidas. E isso aplica-se muito mais ao investigador principiante, nomeadamente àquele que trabalha nas áreas das ciências humanas.

A ideia mais comum entre os estudantes e os referidos investigadores principiantes é a de que, quando pretendem estudar um assunto a fundo, o devem fazer nos livros volumosos dos autores consagrados. É óbvio que tal se pode aplicar a muitos casos, mas a realidade média está longe, muito longe disso. Os tais livros volumosos são, normalmente, o repositório de longos períodos, quando não de vidas inteiras, dedicados ao estudo de determinados assuntos. Mas muitas vezes, quando são publicados, já o conteúdo desses livros deixou de ser doutrina de ponta.

À luz destas considerações introdutórias ganha importância a **biblioteca** que, bem recheada desses repositórios de saber - e a investigação nas Humanidades tem sempre de ir à procura das raízes finadas das coisas -, se apresenta também bem equipada com revistas especializadas. É nestas que, em artigos muitas vezes de pequena extensão, se encontram os resultados da mais recente investigação ou expostas as mais recentes descobertas. Se se ficar pelos livros, o investigador poderá falhar na sua **bibliografia** referências que, em determinado momento, se revelam fundamentais.

As bibliotecas universitárias britânicas - e não só as universitárias possuem, por norma, riquíssimas secções de revistas onde é um prazer investigar. A riqueza das colecções combinada com o livre acesso facilita imenso o contacto com as novidades, aquilo, afinal, que muitos de nós procuramos.

Durante anos, a Biblioteca da FLUP, por razões que nos iam sendo apresentadas como justificação, nomeadamente a de não ser possível assumirem-se compromissos permanentes como os da assinatura de revistas, não pôde facultar aos seus docentes e estudantes os benefícios do acesso a um número razoável de publicações periódicas. Por isso, muitos de nós tinham de sair do país em busca de bibliotecas mais ricas e actualizadas.

A política mais recentemente adoptada pelos responsáveis da nossa Biblioteca representa uma sensível alteração, e nos escaparates das novas aquisições vão-se vendo cada vez mais revistas e as prateleiras a elas destinadas vão-se gradualmente enchendo com aquilo por que há muito esperávamos. Uma alteração, ao fim e ao cabo, que se coaduna perfeitamente com as condições excelentes e a dignidade do novo espaço de que beneficiamos desde o início do presente ano lectivo.

Façamos votos para que a crónica pobreza ornamental de que a FLUP tem sofrido não obrigue os responsáveis a dar um passo atrás.

Manuel Gomes da Torre

De todos os paraísos "não-artificiais", mais reais que a realidade unívoca de presente único do dia-a-dia, aquela que mais deleita os eleitos que a ela têm acesso é uma boa e simpática biblioteca.

Boa e simpática são características indispensáveis. Não basta uma quantidade de livros considerável para constituir uma biblioteca, nem é o seu aspecto de preciosidades que aos livros confere valor. Como dizia E. M. Forster, "The really important thing in books is the words in them - words, the wine of life - not their binding or their print, not their edition value or their bibliomaniac value, or their uncuttability".

São, de facto, as palavras que importam, mas só importam se alguém as ler, se alguém as considerar boas e simpáticas - pelo menos o bastante para as consumir. Assim, acaba-se percebendo que o mais importante de uma biblioteca são os leitores. Que interessa um livro sobre o cultivo de morangos na Groenlândia? Que aproveitam centenas de obras-primas da literatura a quem não souber ler? Ou - mais triste ainda - a quem não queira ler, mesmo que tenha sido ensinado?

Forster fala da sua biblioteca:

"You are soon in my library and soon out of it, for most of the books are contained in a single room. I keep some more of them in a little sitting-room and in a bathroom cupboard, but most of them are in what we will politely term the library... Round the walls are a dozen wooden bookcases of various heights and shapes, a couple of them well designed, the others cheap. In the middle of the room stands a curious object: a bookcase which once belonged to my grandfather... I have tried to fill it with volumes of gravity, appropriate to its past."

Vários pormenores ressaltam do discurso amoroso de Forster a respeito da sua biblioteca. Primeiro, o seu apreço por ela, independente da qualidade das estantes e do valor monetário dos livros. Logo após, a veneração da continuidade, o sentimento confortável de fazer parte de um clã que aprecia a leitura e a escrita. Na mesma linha de pensamento, o cuidado de delimitar, ou determinar, territórios, de acordo com a especificidade das obras e tendo em consideração as preferências daqueles que lhas legaram. Forster, com a fina sensibilidade que todos lhe reconheciam, sentia certamente a sua biblioteca como uma presença familiar e amiga que o acompanhava em todas as divisões da casa, alguém que possuía o dom da ubiquidade para mais rapidamente satisfazer as suas solicitações.

Tinha razão, o escritor, pois uma biblioteca é um ser vivo. Do passado conserva no seu organismo as marcas de quem concebeu e de quem foi ajudado a crescer. No presente, é magnânima; a todos oferece o que tem, a todos trata por igual, mas sofre com quem a maltrata. Pode ter um pouquinho de orgulho, fechando-se aos que a desprezam, negando-lhes o seu auxílio; mas nunca se queixa, e imediatamente perdoa se voltam a visitá-la. Quanto ao futuro, está nas mãos dos seus amigos. Ela irá envelhecendo, mas com dignidade, se todos cuidarem dela com amor, não lhe rasgando as roupagens, curando-lhe as feridas, fazendo-lhe "transfusões de livros" quando necessário, tratando-a com a veneração devida a um mestre que muito dá e ensina, e com o amor que espontaneamente se sente por uma mãe e por um pai carinhoso a quem, intelectualmente, se deve a vida.

Forster (ou Morgan, para os amigos) enriqueceu a biblioteca que herdou das gerações anteriores. Não pelo valor extrínseco das novas aquisições, mas, mais intimamente, pelo seu amor por ela. Como ele próprio confessa,

"The absence of the collector's instinct in me, the absence of deliberate choice, have combined with a commendable variety of interests to involve a library which will not make any definite impression upon the visitors.

I have not a bookplate - too diffident or too much boisterous. I cannot arrange books well either, shall it be by subjects or by heights?...I do not bang or blow them as much as I should, or oil their leather backs, or align those backs properly. They are unregimented. Only at night, when the curtains are drawn and the fire flickers, and the lights are turned off, do they come into their own, and attain a collective dignity. It is very pleasant to sit with them in the firelight for a couple of minutes, not reading, not even thinking, but aware that they, with their accumulated wisdom and charm, are waiting to be used, and that my library, in its tiny imperfect way, is a successor to the great private libraries of the past."

Os verdadeiros amantes de livros, das palavras dos livros que são, realmente, "the wine of life", podem compreender Forster – ou, melhor, Morgan - e sentem-se bem numa boa e simpática biblioteca.

Maria Cândida Zamith

A distinção que hoje se estabelece entre Arquivo e Biblioteca é relativamente recente. Na Antiguidade, os documentos de arquivo de tipo administrativo-financeiro eram conservados juntamente com os textos literários, uma vez que se atendia à matéria subjectiva em que eram elaborados (tabuinhas entre os Hititas e na Babilónia, papiros entre os egípcios e também na época helenística), mais do que ao seu conteúdo. Na Idade Média, tornou-se frequente a separação dos diferentes tipos de textos, e as instituições que os albergavam (normalmente ligadas à Igreja) sentiram a necessidade de criar um depósito (uma sala habitualmente chamada "*libraria*") onde era colocado um número cada vez maior de livros de tipo literário, filosófico, etc. No entanto, por razões de ordem prática, conservavam-se volumes onde eram habitualmente necessários, surgindo assim um pouco por todo o mosteiro ou sé, nomeadamente na Igreja (livros litúrgicos), no refeitório ou no claustro. O controlo desses códices estava a cargo de um membro da comunidade religiosa (normalmente o tesoureiro ou o chantre), que assumia assim as funções de bibliotecário.

Sendo objectos "móveis", foi necessário criar meios para os proteger, isto é, "contentores" que se pudessem transportar com facilidade de um lado para o outro. A documentação medieval fala-nos de *cofres*, *arcae*, *scrinia*, *capsae* e *cistae*, em vários institutos religiosos europeus.

Os *cofres* eram utilizados para guardar o vestuário, a louça e outros objectos correntes, mas também, e sobretudo, os arquivos e os livros. Com esse fim, eram comprados, reparados ou ferrados, como acontecia em Remiremont. Nesta abadia, existia um cofre na estante do coro onde eram guardados nove livros, provavelmente relacionados com a liturgia e que se julgou cómodo colocar à mão dos seus utilizadores.

Capsae, *scrinia* e *cistae* são termos herdados da Antiguidade : e embora inicialmente tivessem uma forma cilíndrica, a passagem do rolo para o *codex* não os fez desaparecer. E se *scrinium* e *cista* são palavras raramente utilizadas nos inventários medievais, os nomes derivados em língua vulgar de *capsa* são bastante frequentes : *cassa*, *caxia*, *caixa*. "Quando existe uma biblioteca, as *capsae* podem servir de arrumo fora deste local; assim, no início do séc. XV, é lembrado aos Agostinhos de Piasenza que os livros *extra armariam in capsae existentes* devem ser directamente colocados sob a responsabilidade do prior e do bibliotecário (*armarista*), que têm cada um uma chave". As *arcae* serviam para guardar todo o género de bens. São vulgares as referências, nos testamentos medievais portugueses, a arcas contendo roupas ou mesmo cereais. Mas as arcas eram também empregues para conter livros. Em 1226, a propósito dos 92 volumes pertencentes à biblioteca de Bernardo II, arcebispo de Compostela, é dito expressamente que "*omnes libri suprascripti sunt in archa*".

A existência de uma *bibliotheca* nos mosteiros medievais dependia sobretudo, e entre outros factores, do nível económico e cultural da instituição. Assim, as congregações com dimensões reduzidas dificilmente contariam entre os seus aposentos com uma sala destinada exclusivamente aos livros, e os seus membros servir-se-iam das bibliotecas individuais, para além dos volumes existentes, com certeza em pequeno número, pertencentes à comunidade. Estes eram normalmente guardados num *armarium*, colocado de um modo geral no claustro. Espaço cavado na parede (forrado a madeira no interior), ou móvel de madeira, era sempre dotado de portas, de modo a proteger os volumes que encerrava. Este *armarium claustrum* ou *commune armarium* continha essencialmente os volumes que não tinham "cabimento" no

armariam ecclesiae , que recolhia os livros necessários ao ofício divino.

A partir do século XIII, as fontes referem-se ao *armarium* num duplo sentido, tanto significando o móvel (com subdivisões a que chamam *tabulae* ou *gradus*) como o local que continha livros, numa clara sinonímia com biblioteca ou *libraria*.

Mas não era só nos *armaria* anexos à Igreja que se encontravam códices. Para além das estantes do coro, caso já referido mais acima, os volumes podiam ser colocados sobre um dos altares do templo. Assim o determinava, por exemplo, no seu testamento, o mestre-escola Nuno Froilaz de Braga, em finais do século XII ao ordenar que fosse concluído "*missale meum et ponant super altare Beate Virginis*".

Os livros eram igualmente depositados no tesouro da sé ou mosteiro, não só porque eram objectos caros, mas também porque muitas vezes continham cópias de documentos e outro tipo de escritos importantes para o funcionamento e controlo do património da própria instituição. Assim, às relíquias e ornamentos da Igreja, juntavam-se cartas, livros com encadernações preciosas e livros "correntes".

Como seria de esperar, as bibliotecas das diferentes instituições religiosas eram paulatinamente enriquecidas, não só mediante a compra de novos exemplares como também pelo ingresso no espólio de volumes fabricados na própria instituição. Relativamente à diocese de Braga, temos conhecimento das duas situações: S.Geraldo, arcebispo entre 1096-1108 , mandou fazer *libros divinos* no *scriptorium* da sé. Em finais do séc. XII, o mestre-escola bracarense diz no seu testamento "de IIIor morabitos quos mihi debet Petrus Alvitiz mando duos ecclesie Sancti Jacobi *qui mittanlur in libro*". Nos inícios da centúria seguinte, o chantre da mesma

sé deixa à igreja de S. Mamede dez morabitanos *ad librum faciendum*. De Tarouca vem outro exemplo : em 1245 os monges desta abadia copiam uma Bíblia para a sé de Lamego, sendo pagos com propriedades por esse trabalho.

Era igualmente frequente a aquisição de livros após a morte de um dos membros da instituição, tanto por testamento como por compra. Exemplos deste segundo caso encontram-se na região de Vosgues, onde são conhecidas várias vendas de livros organizadas no seio dos cabidos. Tratavam-se de leilões, que permitiam à instituição vender alguns volumes mais correntes (assegurando desse modo alguns rendimentos), ao mesmo tempo que mantinham as obras dentro da comunidade canonical. Efectivamente, os cónegos eram os vendedores, mas também eram compradores, e alguns aproveitavam essas ocasiões para enriquecerem as suas bibliotecas particulares.

Breviários e missais são alguns dos livros deixados em testamento às diferentes instituições religiosas. Assim , em 1212 o arcebispo eleito de Braga - Pedro - faz legados de algumas das suas obras : a um presbítero dessa diocese um *epitologium meum novum* e a um particular um *epitologium de Cendale*.

Estes sistemas internos de aquisição de livros não eram suficientes para formar as grandes bibliotecas cuja existência chegou aos nossos dias: numerosos volumes eram comprados no exterior das instituições, aproveitando a passagem de algum comerciante conhecedor do interesse de algum dos seus membros por este tipo de "mercadoria", nomeadamente por livros antigos ou preciosos : "em 1348 o arcipreste de Saint-Dié compra em Paris uma recolha de comentários sobre o Apocalipse copiado no século XI".

Com o desenvolvimento das bibliotecas entre os séculos XII e XV, torna-se necessária uma cada vez maior especialização dos oficiais que tinham a seu cargo o cuidado

dos volumes : o tesoureiro vai ser o responsável pelos livros litúrgicos de grande valor material, o chantre vela sobre os livros do coro de uso diário e o bibliotecário cuida da biblioteca principal e dos livros utilizados nas escolas capitulares ou monásticas, no dormitório ou nas outras dependências da instituição. Será a este último oficial, cujas funções vão, com o andar dos tempos, ultrapassar largamente as de simples guarda dos livros que vai ser dada uma importância crescente, acabando por ocupar um lugar eminente na hierarquia eclesiástica, nomeadamente na cúria pontifícia e nas ordens religiosas.

Marta Cristina Almeida e Cunha

As bibliotecas são todas diferentes: os livros que guardam não são iguais, os utilizadores que as percorrem não são os mesmos, a atmosfera que se respira nunca é idêntica. No entanto todas têm objectivos comuns e assentam nos mesmos pressupostos: a constituição e organização cuidada das colecções com o objectivo da sua disponibilização e divulgação.

As bibliotecas, assim entendidas, serão naturalmente os locais onde se encontram disponíveis documentos, nos mais variados suportes, que foram criteriosamente adquiridos, identificados, descritos, e cuidadosamente arrumados.

Na consumação destes pressupostos as bibliotecas tornam-se desiguais, e o sucesso destes espaços como verdadeiros centros de difusão de informação conta com a interferência de factores diversos, como o espaço físico que ocupam, os recursos económicos disponíveis para o enriquecimento e manutenção do fundo documental, a disponibilização de equipamentos que possibilitem a memorização e reprodução de informação, meios humanos qualificados e capazes de assegurar o bom funcionamento da biblioteca.

Como factor decisivo para a prossecução de um projecto inovador, estão as pessoas envolvidas na manutenção da biblioteca - os bibliotecários e os técnicos BAD. Curiosamente é deles que menos se fala, e quando isso acontece, revela normalmente o desconhecimento total das funções exercidas pelos "técnicos da informação". As "bibliotequices", a que tantos se referem, não são exercícios lúdicos a colocar virgulas, pontos, ou traços na descrição dos documentos, não é teimosia pura, não permitir que os leitores recolquem os livros nas estantes, é, isso sim, a observância de normas sem as quais a biblioteca seria um amontoado inexpugnável de documentos e informação.

O tratamento técnico da documentação implica um trabalho moroso e atento e o conhecimento de técnicas apropriadas que proporcionarão um acesso rápido e fácil à informação. O trabalho do bibliotecário pressupõe ainda o contacto com os utilizadores, de forma a adequar a actualização do fundo documental e dos instrumentos de pesquisa às suas necessidades.

Todos estes procedimentos nem sempre são visíveis para quem está a consultar o catálogo ou mesmo a folhear um livro tirado da estante. Porque até a disposição das obras nas estantes, os espaços de leitura mais informal ou mais recatada, não são consequência do estado de espírito de um dia de trabalho mas, pelo contrário, são o resultado de horas de trabalho de concepção e de cálculos de variadíssima ordem.

A biblioteca da FLUP é um exemplo do que acabo de expor. Detentora de um importante fundo documental, disponibilizado em espaços amplos e agradáveis, a biblioteca da FLUP é hoje um serviço imprescindível ao funcionamento da nossa faculdade.

O acesso facilitado à informação e a documentos não existentes na biblioteca, é resultado da cooperação com outras unidades documentais e prova da persistência em acompanhar a evolução das tecnologias da informação.

No novo edifício, a biblioteca da FLUP deslumbra-nos com a mudança, parece ter novos equipamentos, muito mais livros e documentos noutros suportes, embora , curiosamente, esta metamorfose seja só o resultado da instalação no novo edifício. Se, na "velha casa", as alterações operadas na biblioteca não eram tão visíveis para os mais desatentos, porque o espaço o não permitia, mudou-se o espaço e todos aplaudimos uma verdadeira biblioteca universitária. O "investimento" feito oportunamente e

aplicado inteligentemente, possibilitou a biblioteca que agora temos.

E, por falar em mudança, não posso deixar de sublinhar a eficácia e rapidez com que esta foi efectuada por todos quantos trabalham neste serviço. Transferir cerca de 3.000 metros lineares de prateleiras com documentos (aproximadamente 200.000 volumes), arrumá-los criteriosamente no espaço do novo edifício, disponibilizar os catálogos e implementar todo o sistema informático a tempo do início do ano lectivo em curso, foi tarefa extenuante, reveladora de muita dedicação e grande profissionalismo.

Maria Elisa Cerveira

. os livros não são para riscar ...

Por trás dos óculos de metal, os olhos muito azuis do Dr. Alberto Uva, o "stôr" de Inglês, como lhe chamávamos, faiscaram de indignação: «Menina! Os livros não são para riscar!» A causa de toda aquela fúria incontida era o meu exemplar de *The Catcher in the Rye*, de Salinger, meticulosamente colorido a verde, amarelo, rosa e laranja fosforescentes, assinalando os passos que, na obra, eu considerava mais relevantes e permitindo-me assim a criação de uma espécie de índice analítico que eu considerava útil para a minha preparação para o exame da disciplina de Inglês do 12º ano de escolaridade.

Tentei explicar tudo isso ao Dr. Uva, mas os meus ensaios de defesa valeram-me apenas uma prelecção sobre a forma como devemos respeitar os livros. «Os livros», dizia o Dr. Uva, «não são nossos, nós não podemos dispor deles como se fossem nossa propriedade exclusiva. Todos os livros que possuo (e eu tenho uma biblioteca bastante razoável) estão imaculados, a leitura que deles fiz não deixou marcas, e eles estão lá, à espera de serem lidos por todos quantos estiverem interessados. Não são meu património, mas da Humanidade. Mas a si... eu não lhe emprestava um só livro». E depois, claro está, só faltava o comentário: «Aliás, só mesmo uma mulher é que era capaz de pintar um livro!»

... isto é, os livros dos outros!

Nem todo o respeito que eu tinha pelo Dr. Alberto Uva, quer como pessoa, quer como professor de comprovadas capacidades científicas e pedagógicas, me fez mudar de opinião quanto à forma como deveremos exprimir

o nosso respeito pelos livros. Penso que existem duas espécies de livros: os dos *outros* e os *nossos*.

Os dos *outros* são aqueles que nos emprestam, quer a título pessoal, quer ao nível institucional, como é o caso dos livros das Bibliotecas. Esses livros não devem nem podem, de forma alguma, ser anotados, sublinhados ou pintados. Deverão permanecer, como defendia o Dr. Uva, imaculados, sem vestígios de leituras anteriores e prontos a serem lidos por todos quantos neles venham a estar interessados. Mas não por respeito pelos livros; única e exclusivamente, por respeito pelas outras pessoas.

Quanto aos *nossos* livros, não creio que riscá-los ou sublinhá-los seja sinal de desrespeito pelo património intelectual da Humanidade, pelo contrário: as marcas de leitura que neles deixamos são a prova cabal de uma análise interessada e de uma apreensão de significados que se pretende mais profunda.

. *Eu também não costumava riscá-los ...*

Eu também não costumava riscar os meus livros. O responsável pela minha iniciação nessa forma de leitura *assinalada* (e também em grande parte por estas minhas lides literárias) foi um outro professor - o Dr. Manuel Valente. Antes dele, todas as minhas leituras haviam sido inocentes. Nas suas aulas de Português, aprendi que a Literatura é uma fonte imensa de sentidos: foi aí que comecei a riscar os meus livros, numa tentativa de apreensão coerente desses mesmos sentidos (lembro-me bem de como ele sublinhava a importância das vezes que a Sibila - do romance homónimo, de Agustina Bessa Luís - se balançava na sua cadeira, anunciando assim a evocação de cenas importantes do seu passado).

... mas juro que não sou eu que risco os livros da nossa Biblioteca!

Hoje continuo a riscar e a pintar os meus livros. Essa é, aliás, a maior prova do interesse - e quase poderia dizer afecto que por eles sinto. Riscando-os, respeito-os e assinalo a sua beleza ou a sua utilidade teórica. É claro que esta minha forma de provar esse afecto pelos livros prejudica a leitura que deles outras pessoas poderão vir a querer fazer.

Mas quando empresto um livro, aviso logo: «Ele está todo riscado!» - tal como se emprestasse uma blusa minha e ela levasse o meu perfume.

Uma última nota: juro que não sou eu que risco os livros da nossa Biblioteca! Quando a tentação é irresistível, fotocopio-os e depois... pinto-os, a meu bel-prazer, como o pintor que pinta um quadro, **não** para vender, mas para o pendurar na sua sala-de-estar.

Maria de Fátima de Sousa Basto Vieira

"A biblioteca é um conjunto de seres humanos que aceita a responsabilidade de tornar o material impresso útil à sociedade"

Archiball MacLeish

"O bom atendimento é o elemento mais importante para promover o alto conceito de biblioteca"

Heloise Prado

O repto lançado pelos mais responsáveis da biblioteca da FLUP levou a que eu colocasse algumas possibilidades de reflexão que, contudo, abandonei por não ver nelas ensejo de estabelecer uma comunicação que se pretende breve. É um facto que com esta iniciativa é também de comunicação que se trata. Comunicação entre a biblioteca (os livros) e nós (os utilizadores); comunicação entre quem a utiliza e quem a organiza e gere. Mas o ter feito da biblioteca o meu espaço eleito no novo e tão denunciado edifício desta escola impôs-me querer responder ao pedido para escrever um apontamento para este volume. Pensei então que talvez uma visita àquele lugar forrado a estantes de pleno saber me fizesse descobrir o que ainda não tinha encontrado. Quando passei aquela porta pesada e estreita chegaram ali memórias de outras bibliotecas e essas talvez não tão bonitas, não tão perfeitas no seu espaço - quer interior, quer exterior - como a nossa. Surgiram recordações da biblioteca da Universidade de Minnesota, de Londres e de Boulogne. Pensamentos trazidos até ali por semelhanças entre aquele local e os outros que conheci antes e que entre si partilhavam cumplicidades próprias do seu ser e função. Quer no seu espaço - animação e organização, quer até nos meios disponíveis, a biblioteca estava sem pretensões, mas sem se envergonhar, lado a lado

com outras que antes me parecia não poder vir tão cedo a alcançar.

Mas se tudo ou quase tudo no que toca ao espaço disponibilizado pelo "design", no que se passa pelos meios e pela competência da sua organização e gerência se mostrava como convém, também muito se mostrava alheio ao que ali é próprio. Uma distância feita de posturas e mentalidades, que uma nova carta aberta não transformou porque nada podia transformar, separava agora a nossa biblioteca - feita também por aqueles que lá estão à procura de saberes, de resposta ou de inquietações do intelecto e pelos outros que os recebem, os esclarecem e lhes trazem os objectos que são a razão do que ali os leva - de outras que recordei. É preciso que o tempo traga a biblioteca a calma, a serenidade, a "austeridade" (que não é austeridade) acolhedora que a troca entre os livros e nós exige. E preciso que o tempo faça sentir, nos passos de quem ali anda, o "transpirar" dos objectos que são a causa de ali estarmos. É urgente que o tempo traga a sobriedade, a disponibilidade tranquila e atenciosa, a postura própria de quem está ali para com um sorriso esclarecer e acolher e, desse modo preparar o envolvimento daqueles que nas estantes e nas salas de leitura procuram o inestimável sentido de comunicar.

Que o tempo chegue então. A tranquilidade e a excelência do espaço, o recurso dos meios disponíveis, o respeito pelo esforço da resposta pronta por parte daqueles que organizam e gerem este meu local eleito bem merecem que as mentes reflectam, estudem e com determinação procurem novas posturas, novas mentalidades que ultrapassem os "ruídos" que muitas vezes ali perturbam um potencial santuário de comunicação.

Maria Teresa Lobo Castilho

1. O "porquê" dos ratos ou a força da "metáfora"

Uma boa parte das pessoas da minha geração tinham de "biblioteca", ao tempo em que se nos pôs o problema da legibilidade do mundo e das descrições que dele se iam fazendo, a ideia de "museu" de livros, de livros que não eram para ler, mas somente para serem guardados. E a imagem de "frequentador" de bibliotecas era a de "rato de biblioteca": alguém que conhecia os labirintos que levavam ao livro, que conhecia os "guardadores" desse livros, que conhecia os "esconderijos" onde as informações se aninhavam. A biblioteca, para nós, não tinha leitores, tinha apenas decifradores: decifradores que transformavam as "manchas" compactas dos livros em informação discursivamente ligada, devidamente datada, cautelosamente interpretada e, por vezes, pronta a ser lida por "leigos" com fraca ou nula iniciação.

Depois, essa mesma geração aprendeu que as grandes religiões ocidentais - judaísmo, cristianismo e islamismo - eram "religiões do livro". Isto é, aqui os textos suportados em livro eram não só documentos essenciais para a religião, como também uma "escritura" (ou mesmo "escritura sagrada") no sentido escrito: documento em que se selava a relação entre Deus e a Humanidade, e ainda como "documento" essencial na indicação das "normas" de conduta decorrente de uma dada cosmovisão. Esses livros eram a "Bíblia". Por outras palavras, os livros passavam a ser, para nós, "containers" da descrição do mundo, depositários do saber, "significante" do significado das coisas: o *catalogus mundi*.

E foi então que acordámos para o lado bom do "rato da biblioteca": «As coisas só deixam de existir quando são esquecidas. Basta a presença de um mendigo para um velho umbral não morrer» (Legenda de painel de Francisco Brenan, sobre texto de J. L. Borges). As bibliotecas são o sinal da

"imortalidade" dos autores, testemunho das pessoas que pensaram por nós, tornaram o nosso mundo legível. E enquanto os "ratos de biblioteca" desvendarem os seus segredos, esses autores e o seu esforço continuam a existir.

E voltamos a encontrar a velha metáfora do "rato" muitos anos depois nas "estradas da informação": com ele, como "chave", entramos nos segredos das bibliotecas, já não guiados pela mão dos "funcionários" do livro, mas damos por nós "passeando", "navegando", como se fôssemos um Vasco da Gama, com marés sempre a favor, com as "velas pandas" e sempre a acostar em terras de "Prestes João" dos sonhos que, às vezes, são reais mesmo antes de serem sonhados. Certamente, a metáfora do "rato" não vai acabar aqui. É que agora, o "rato" não tem apenas papel: o seu "menu" é muito mais variado e aprazível.

2. Da "biblioteca" à "bedeteca"

2.1. O sentido etimológico da "biblioteca" é o "lugar onde se guardam livros". Hoje, teremos de substituir essa definição por uma outra: o lugar onde se guarda e disponibiliza "informação", quer essa informação tenha como suporte o "livro", jornal, mapa, manuscrito, vídeo, cassete, discos ou disquetes, filmes. Não importa já o suporte: seja papiro, pergaminho, papel, material electrónico, etc. Podemos continuar a dizer, se quisermos, que "biblioteca" é o lugar onde se guardam e disponibilizam livros, mas aqui daremos a "livro" um valor muito mais amplo. Podemos optar por uma definição mais "consentânea e definir "biblioteca" como o lugar onde se guarda e disponibiliza informação, seja qual for o suporte ou meio de recuperação da informação. E é no entendimento tradicional de livro que se distingue biblioteca de mediateca, de videoteca, de bedeteca. Seja, no entanto, qual for o entendimento de biblioteca, esta já não é apenas o lugar onde se lê, mas

também onde se ouve e se vê. Chamemos-lhe, se quisermos ser rigorosos, bibliotecas multimédia, bibliotecas *on line*, com vídeos interactivos, etc.

2.2. Perante nomes tão sonantes, deixaríamos na sombra a "cultura" da biblioteca corrente na nossa língua quotidiana. Se observarmos o adjectivo que caracteriza e restringe o nome biblioteca, encontramos combinações como: *biblioteca escolar, biblioteca universitária, biblioteca científica técnica industrial, biblioteca privada, biblioteca pública, biblioteca municipal, biblioteca nacional, biblioteca patrimonial, biblioteca virtual*. Estas designações apontam para factos e factores muito diferenciados, apesar de o modelo construccional ser (aparentemente) o mesmo: umas apontam para objectivos, destinatários ou locais (onde se inserem), e aqui as palavras falam por si, outras apontam para o modo de funcionamento. Permite-me apenas chamar a atenção para a "biblioteca virtual/electrónica", em que as palavras-chave são informatização, automatização, rede de comunicação, digitalização. Isto é, os textos são previamente memorizados, tornando-se depois transmissíveis, reproduzíveis em qualquer país ou hora. A simples leitura dos nossos jornais do dia-a-dia diz-nos que tudo mudou.

3. *Paperless society* ou enriquecimento do conceito de biblioteca?

As velhas designações de bibliotecário, catalogador, arrumador, etc. - como nós guardamos boas recordações de muitos "denotados" por estes nomes! -, ou de "bibliotecas fechadas", "bibliotecas de acesso directo" e "bibliotecas de acesso restrito", "fichas" e "ficheiros" com muito pó à mistura, "armários com livros", etc., longas filas de estantes perfiladas em espaços escuros, são substituídas por outras com referentes muito mais "in", onde podemos pegar, folhear, ler, saltar, levar connosco ou deixar na estante, as

"ligações" em linha com parceiros com quem podemos partilhar as novidades e actualização constante. As bibliotecas onde podemos encontrar lugares de convívio com teorias de ponta, não nos devem fazer esquecer que o contacto com o "livro", deixando a nossa marca ao longo das páginas, continua a ser um dos parâmetros da cultura pessoal e personalizada e recusa da cultura massificada. Os alunos e estudantes actuais, tendo as fotocópias sempre à mão, nunca serão capazes de criar as relações livro-leitor ou investigador-instrumento de trabalho. A cor e o formato dos livros, o seu cheiro e peso, também são cultura.

Só roendo livros de papel, lombadas e encadernações, é que o «rato de biblioteca» se transformou em "rato" astronauta e parceiro das viagens interactivas em espaços ilimitados, com "menus" superiores aos dos "príncipes" da Renascença.

Mário Vilela

Hoje, no coração do seu novo edifício, a Biblioteca da Faculdade de Letras constitui um espaço e um serviço verdadeiramente emblemáticos da própria instituição

A filosofia de serviço, no essencial, terá sido sempre a mesma, só que agora, as novas condições materiais - «topográficas», tecnológicas, económicas - acabam por potenciar o «factor humano» e os resultados em termos de gosto e ambiente de trabalho são hoje, manifestamente, um agradável convite ao prazer da leitura e de renovadas consultas.

Ao transpormos às ombreiras da nova biblioteca não se nos representa apenas a impressionante evolução de uma instituição. Somos levados também a evocar uma trajetória pessoal que nos fez os seus frequentadores de hoje, «consumidores» e utilizadores habituais dos seus recursos.

Com o início do ensino superior surgiu para mim verdadeiramente a necessidade, depois o hábito e também o prazer da frequência de algumas bibliotecas públicas, entre as quais a da nossa Faculdade. Com saudade e reconhecimento, é-me impossível não recordar o Doutor Xavier Coutinho, um dos professores desta casa que mais me fez sentir, enquanto aluno, a indispensabilidade de ter um cantinho habitual em S. Lázaro, uma outra biblioteca «nossa» e do nosso Porto.

Um dia, no fim de uma aula - recheada de preciosos conselhos, noções de metodologia científica, indicações bibliográficas e das habituais evocações da história da sua amada cidade do Porto -, o Padre Xavier Coutinho pegou num livro por mim usado e, surpreendentemente, colou-lhe este seu *ex-libris*.



Aqui fica: é afectuosa evocação de um mestre nunca esquecido. Reproduzido num pequeno espaço de parede das instalações da nossa nova biblioteca, a sua legenda pode constituir uma interpelante proposta dirigida a novas gerações de consulentes...

Hoje, estou disso certo, o Padre Xavier Coutinho teria uma enorme satisfação ao ver o modo e nível de funcionamento destas bibliotecas. Com efeito, é consolador, contrastando com propalados índices, alarmantes, quanto à quebra dos hábitos de leitura entre a gente nova, verificar que nelas se regista uma crescente frequência da população escolar e, mais **importante** ainda, que nelas se demonstra, por parte dos seus responsáveis, desejo e capacidade de adequação estratégica aos novos desafios.

Pedro Vilas-Boas Tavares

No pequeno número de parágrafos que se segue proponho-me escrever tão bem quanto posso sobre a [minha] *ideia de Biblioteca* e sobre o comportamento *do Homem nela*.

Recentemente, numa notável conversa em televisão, Eduardo Lourenço definiu os livros como o *inimigo da [sua] vida real*. Referindo-se ao papel predominante na sua vida das suas vivências em Biblioteca, caracterizou esta relação estreita entre o literato e os livros como uma *experiência trágica*.

Estaremos, com certeza, perante um extremo nobre da experiência humana em Biblioteca, em muitos aspectos oposta à vivência mais lúdica e enlevada que para Eduardo Prado Coelho caracteriza a sua relação com os livros neste *topos* particular da história da humanidade. Exactamente: um *topos* particular; um espaço sem localização definida e no entanto tão perto de cada um de nós; um espaço em que a dimensão do tempo é avassaladora e ao mesmo tempo, como qualquer outra dimensão, intangível; um espaço que modela e é modelado pelo comportamento humano.

Agora que me debruço sobre este tema, chego à curiosa conclusão de que *a ideia de Biblioteca* deveria fazer parte dos desígnios do Criador. Quando Homero *criou* a **Ilíada** e a **Odisseia** não poderia imaginar que estava a dar um dos primeiros contributos significativos - e sem dúvida o mais decisivo - para o surgimento da Biblioteca tal como a conhecemos hoje na sua forma material. Enquanto matéria conceptual, todavia, o *topos* Biblioteca, no sentido mais lato, não poderia estar menos presente no espírito de Homero. Davam-lhe então, obviamente, outro nome: o de *paideia*. Por este e outros motivos, será porventura um verbo - *educar*

- a palavra que melhor define a *ideia de Biblioteca*. Será o Verbo do Criador *Educar*?

Qual será a função de uma Biblioteca? Terá o Homem consciência de que é ele próprio, em última instância, a Biblioteca? Segundo a UNESCO uma das principais finalidades da Biblioteca deve ser permitir que o público leia os livros: «A biblioteca... deve ser de fácil acesso e as suas portas devem estar abertas a todos os membros da comunidade, que poderão usá-la livremente, sem distinções de raça, de cor, de nacionalidade, de idade, de sexo, de religião, de língua, de estado civil ou de nível cultural.». Não discutirei aqui se estes objectivos estão ou não a ser prosseguidos, se se estão ou não a desenvolver esforços nesse sentido... Em vez disso, conto-vos a seguir um sonho que tive/terei e que se assemelhará a outros que vós tivestes/tereis.

A estaria do sonho passava-se num futuro impreciso. Era uma das suas personagens, tripulante de uma nave espacial que visitava um planeta habitado com a forma de um livro convencional e polvilhado de todas as cores.

O rendilhado da película onírica, por vezes difuso, revelava-me uma civilização extraordinária.

Quando a nave se aproximou do planeta, distinguimos nos seus pólos duas bandeiras a tal ponto gigantes que nelas se podia ler a palavra "Biblioteca". A princípio pagámos serem marcos da conquista competitiva de regiões inóspitas indicando o nome de uma nação ou qualquer outra entidade abstracta; tratava-se, soubemo-lo depois, de duas notáveis obras de engenharia - construção comum de todas as forças vivas do planeta destinadas a

revelar a todos os seus visitantes o nome deste astro fantástico.

Após todas as peripécias de aterragem e de termos sido recebidos com uma civilidade inefável, insistiram em que conhecêssemos o seu modo de vida. As características físicas destas gentes tornam-se irrelevantes quando comparadas com o mundo que construíram à sua volta. As cidades tinham nomes de áreas do saber: Filosofia, Astronomia, Linguística ... As ruas das cidades, nomes dos mais e menos conhecidos escritores, cientistas pelo que quem procurasse aprofundar conhecimentos sobre determinada personalidade deveria encaminhar-se para esta ou aquela rua ou avenida, nesta ou naquela cidade, embora quase tudo o que não fosse muito especializado se encontrasse facilmente em qualquer ponto do planeta. Em cada rua, ao lado de pilhas de livros (cada rua estava ladeada por passeios de livros) que podia levar livremente para casa se não tivesse tempo de os ler sentado numa das inúmeras poltronas ao longo dos passeios, podia tomar um café de Engenharia Agrícola, saborear um rissol de Culinária, conversar sobre o novo romance de um Vargas Llosa, prestes a chegar, como o anunciava cada um dos jornais (gratuitos e ao estender de um braço) de cada uma das cidades, mas com crónicas mais desenvolvidas no de Literatura, conhecer as novas descobertas de Oceanografia via internet, assistir a videoconferências organizadas pelo pelouro de cultura de História através de ecrãs suspensos dos edifícios quais anúncios em néon... Podia ainda cortejar a mulher morena de olhos acinzentados nascida em Genética que se sentava ao meu lado lendo um romance de um autor cósmico e que, discretamente, de soslaio, me olhou.

Acordei/acordarei sobressaltado neste/nesse momento. Acendi/acenderei a luz do candeeiro da minha mesinha-de-cabeceira, onde também tenho/terei A Biblioteca do Umberto Eco. Que relação existirá entre o sonho e a realidade⁰

Rui F. Manhente F. Cardoso